

RESISTENCIA

N.º 158

COIMBRA — Domingo, 23 de agosto de 1896

2.º ANNO

Pela Hespanha

Não se occultam já, nem por parte dos que mais optimistas se apresentavam até ha pouco, as apprehensões sombrias que estão entenebrecendo a opinião publica na vizinha Hespanha ácerca do resultado da revolução cubana. E, o que mais preoccupa os espiritos peninsulares, não é precisamente se a Hespanha consegue subjugar Cuba revoltada, nem se a preciosa ilha consegue furtar-se ao dominio hespanhol: — no que principalmente se está pensando é nas consequencias políticas que resultarão da victoria cubana, que, tudo o leva a crêr, é já agora uma questão de pouco tempo.

As consequencias económicas e financeiras do estado de guerra em que a Hespanha, por culpa propria, se encontra involvida, são conhecidas e desastrosas. As consequencias políticas são um problema cuja solução a quasi todos se antolha facil.

Reflectindo um pouco serenamente e de animo despreoccupado sobre a situação política da Hespanha, e, concomitantemente, pelas afinidades naturaes e lógicas que ligam entre si os destinos das duas monarchias peninsulares, se considerarmos tambem a phase política do nosso país no actual momento histórico, poderemos talvez prevêr o que para ambas as monarchias derivará da guerra de Cuba.

Até hoje tudo tem conspirado contra a Hespanha, apesar do nobilissimo esforço que a este país tem custado a guerra, esforço tenacissimo e digno de admiração pelo sentimento patriótico que o tem impulsionado, denodadamente, intransigentemente, numa lucta cruenta e ruinosa.

A alma hespanhola, generosa e dedicada até ao sacrificio mais extraordinario, tem vibrado unisona, num incitamento constante aos poderes públicos para que a insurreição seja dominada.

Tem custado rios de sangue a revolução, está cheia de luto a Hespanha. E, comtudo, as expedições de muitos milhares de homens continuam para Cuba...

Mas vencerá a Hespanha? Os acontecimentos até hoje levam á convicção de que em breve Cuba livre será um facto.

Qual será o futuro da Hespanha? Que transformação politica se dará,

fatalmente, inevitavelmente, na monarchia vizinha?

Não é só pela conservação de Cuba que lucta a monarchia hespanhola; é a sua conservação propria que ella defende. Presente que o throno, abalado e periclitante, ameaça ruir num momento.

A monarchia em Hespanha, como em Portugal, não tem a sustentação a estima pública; não se cimenta na alma dos povos, onde o affecto por ella se não radicon. Sob o governo monárchico chegaram os dois povos da peninsula á situação extrema em que se encontra a sua economia interna e o seu crédito externo. Um desastre em Cuba traduzir-se-ha em Hespanha pela queda da monarchia.

É esta a solução que aos espiritos, ainda os mais optimistas, se apresenta. Homens de estado, affectos ao regimen actual, não occultam em Hespanha o seu modo de vêr. Presentem-se, além d'isto, uns movimentos de agitação que prenunciam que este ha de ser o resultado.

São poucas já as esperanças em Hespanha de se recuperar o dominio de Cuba. E, por isso, o governo hespanhol, que já não espera subjugar a revolução cubana, esforça-se por obstar á revolução interna que se manifesta e se prevê.

É a monarchia a defender-se. E d'este movimento de luctas, latente, constante, que se agita no seio da Hespanha, resultará, — e ainda bem — a libertação de dois povos para uma vida nova num regimen novo.

Cuba livre, — Hespanha livre. E, consequencia natural, Portugal libertar-se-ha tambem.

Por grande que seja o affecto que nos liga á Hespanha, e o nosso desejo das suas glórias, não devemos occultar que a nossa sympathia está com os insurrectos de Cuba. É sympathia e é egoismo: — é de Cuba, independente, que partirá para a peninsula iberica o movimento da sua regeneração.

As massadas estão prohibidas

Assim o entende o nosso bom João Franco que não esteve para aturar a estopada de presidir até ao fim á reunião do conselho superior de instrução publica.

A paginas tantas, vendo que se aproximava a hora da partida do comboio para as Galdas, entregou a presidencia ao vogal Teixeira e foi-se.

É que s. ex.ª padece agora da molestia dos bichos carpinteiros.

Sulcando os mares

Parece, finalmente, que voltou de novo a época das nossas gloriosas aventuras maritimas. Já nas aguas tranquilladas do Tejo se aprestam esquadras, já tremolam outra vez sobre as vergas dos navios, bafejados pelas brisas do mar, os nossos pavilhões de guerra.

Mar em tórta, acaba de largar do Tejo uma *divisão naval* portuguesa — três navios: uma canhoneira, uma corvêta, e um couraçado — a *Zambeze*, a *Duque da Terceira* e o *Vasco da Gama* — 544 homens ao todo!

Mas para onde se dirigirá a *divisão naval*? Em que plagas longinquas irão espalhar a morte os seus canhões de guerra?

A *divisão* vae até... Cabo Verde. E ahi *divide-se*. A *Zambeze* dirige-se a Moçambique; a *Duque da Terceira* e o *Vasco da Gama* chegam a Angola.

Não têm força para mais... Uma *divisão naval*!

Mas apostaram então tornar-nos ridiculos de todo aos olhos dos estrangeiros?

Um pouco de pudôr, ao menos. Não os obriguem a rir-se da nossa miséria.

D. Leon Vega

Sem forma de processo, acaba de ser preso e entregue ao fóro militar, o illustre director politico do nosso prezado collega *La Justicia*, de Madrid, pelo motivo de ter verberado desassombadamente o acto administrativo do recrutamento do ultramar.

É facto unico este, de o fóro militar intervir, substituindo-se ao fóro civil no julgamento dos processos de liberdade de imprensa, mórmente quando, como neste caso, o artigo incriminado criticava actos de pura administração.

Representa, portanto, esta excepção para com o distincto publicista sr. Leon Vega, um attentado á constituição do Estado, que assim fica d'hoje para o futuro á mercê da má vontade e capricho de qualquer tyrannete odiento.

Associando-nos aos seus amigos nas manifestações de pezar por este acto inqualificavel, felicitámo-lo ao mesmo tempo pela forma severa e altiva com que tem castigado todos os abusos do poder.

Novo desastre para a Hespanha?

Parece que o dominio hespanhol no archipelago das Philippinas corre perigo imminente. Ha muito já que se notavam, por parte da colonia philippina estabelecida no Japão, manejos tendentes a collocar sob a protecção d'esta potencia oriental o archipelago da Malasia.

Estes boatos, que corriam, acabam de ter plena confirmação com o seguinte facto:

— Um enviado dos colonos hespanhoes domiciliados no Japão, andou em Manilla e noutros pontos colhendo assignaturas para uma

representação dirigida ao imperador do Japão, em que se lhe pede — que se digne conquistar aquellos territorios para os encorporar na sua corôa, libertando ao mesmo tempo os seus pacificos habitantes do tyrannico jugo do dominio hespanhol. Consta que o tal agente colheu perto de 20:000 assignaturas.

De modo que a Hespanha está em risco de vêr fugir-lhe mais aquella rica possessão, o que não pôde attribuir senão aos processos administrativos que já a levaram á guerra de Cuba.

E se o Japão quizer, entendido, como estará com os habitantes das Philippinas, que assim lh'o pedem, não terá muitos receios de se ver vencido.

Já não pertence ao dominio dos boatos a noticia que damos. É um facto confirmado, ao qual alludiu no senado hespanhol o ministro do ultramar, ante-hontem, declarando que se descobrira nas Philippinas uma vasta conspiração com idéas separatistas, apoiada por sociedades secretas.

Soffrerá mais este desastre a Hespanha?

Porque foi para Angola o VASCO DA GAMA

Toda a gente pergunta que urgente comissão de serviço obrigou o governo a fazer partir para Angola o ronceiro *Vasco da Gama*, cujas viagens representam sempre verdadeiras temeridades, pelo perigo imminente que offerecem.

Essa explicação dá-a o *Diario Popular*: — Vae para Angola o *couraçado*, porque o governo, ou antes, o illustre sr. Soveral, persuadindo-se de que os allemães preparam alguma surpresa contra nós em Porto Alexandre ou na bahia dos Tigres, resolveu oppôr-lhes aquella nossa formidavel machina de guerra para os conter em respeito!

Que farçante!...

A Allemanha e a França

A noticia da visita do imperador Guilherme á França, por occasião da exposição de 1900, tem feito pensar uma aproximação de relação entre os dois países, e talvez numa reconciliação. É que o acontecimento era tão inesperado e até não inacreditavel, que a resolução do imperador da Allemanha apresentou-se como uma manifestação de futura cordealidade.

Se até havia ingenuos que acreditavam numa restituição da Alsacia e da Lorena...

Mas o jornal de Bismarck *Noticias de Hamburgo*, diz ser impossivel que a Allemanha se reconcilie com a França, e que quaesquer tentativas neste sentido são prejudiciaes á dignidade allemã. E lamenta o mesmo jornal que o imperador accitasse o convite para visitar a exposição, tanto mais que a proxima visita do czar a Paris faz que todos os francezes, ainda os mais moderados, esperem uma *revanche*.

Carta de Lisboa

Lisboa, 21 de agosto de 1896.

Devem estar apprehensivos sobre o alarido que o governo faz nos seus jornaes com a saída da divisão naval.

Ahi pela provincia talvez exista a opinião de que nós temos navios. É o primeiro erro.

Temos simplesmente caixões fluctuantes, sem para nada servirem.

Pois por saírem a barra ao mesmo tempo, três d'estes caixões, anda tudo alvoraçado como se tivesse partido a *Invencivel Armada*.

E todavia o facto de saírem três navios em lugar d'um é naturalissimo.

Esta é a epocha de saírem navios para as estações.

O que se fez?

A *Zambeze* estava para sair. A *Duque da Terceira* voltava de viagem que interrompeu e estava em condições de continuar. Esperou-se que o couraçado estivesse prompto e ahi vão os navios todos juntos quando um d'elles podia ter saído ha muito, outro podia continuar lá fóra e o terceiro, o couraçado podia sair quando saíu sem atrazar os outros.

Ahi têm a parlapatice que traz maluquinhos os jornalistas do governo e outros idiotas que estiveram no alto de Santa Catharina a ver partir os navios.

Devem concordar que mestre Marianno tem razão quando affirma que augmenta a importação de burros hespanhoes.

×

Além dos navios, o que mais interessa á Lisboa que não saíu, ou por ter juizo ou não ter que pôr no prégo, é a colhida do rei nas Galdas.

A colhida não. O risco em que elle esteve de ser furado por um toiro.

Tal facto, nos jornaes, ou não é noticiado ou commentado em ar de troça.

Assim um *O Jornal do Commercio*, diz que o rei melhor faria pegando de cara os ministros.

Lá vem, leiam!

Esta nossa vida portuguesa vae assumindo proporções phantasticas. Falla-se dos negocios publicos como se se estivesse no sol d'uma praça de toiros.

O rei é citado como Guerrita e Mazzantini.

Os jornaes dirão: — Guerrita foi colhido.

— Outro dia em Badajoz, Faico ia soffrendo uma colhida. Felizmente, como succedeu com o rei D. Carlos,

Prevenção

Communicam-nos que foi prorogado até ao dia 31 do corrente o prazo para os donos dos estabelecimentos considerados insalubres, incommodos ou perigosos se munirem da respectiva licença, se, é claro, a não tiverem ainda.

São considerados insalubres, incommodos ou perigosos os estabelecimentos seguintes:

Caldeieiros, depósitos de carvão, depósitos de lenha, depósitos de petróleo, depósitos de madeiras, depósitos de palha, depósitos de trapos, estalagem para guarda d'animaes, fabricas de cortumes, fabricas de pólvora, fabricas de tecidos, fogos de artificio (fogueteiros), fornos de coser pão, latoeiros, refinções de assucar, serralheiros ou ferreiros, tanoeiros, fabricas de fundição de ferro, etc...

Foi participado para juizo, que duas mulheres de Castello Viegas, mãe e filha, injuriaram ha dias o parcho da freguezia, quando este ao Lavabo da missa, agradecia aos seus freguezes a sua eleição para juiz d'uma confraria ali erecta.

Pelo amor

Um moço official d'hussards, descendente d'uma aristocrática familia húngara, o conde Arthur Csatsy Pallavicini, suicidou-se ha poucos dias por amor. Conheceram as celebres irmãs Harrison, que o anno passado, nos circos, faziam a alegria dos novos e ainda mais a dos velhos com umas cançonetas gaiatas? Soberbas raparigas de trages ligeiros e olhos de tentação...

Uma receita util e simples

Todos sabem como os animaes são perseguidos pelas moscas e outros insectos nos dias de calor, perseguição por vezes tão insistente e tenaz que chega a desesperar os animaes perseguidos.

Folhetim da RESISTENCIA

JOÃO DAS GALÉS

XIX O que havia feito Gribeauval

Dirigiu-se ao hotel Mangolle e tomou ali um quarto que pagou adiantadamente porque não levava bagagens. Em cada um dos hoteis Bellevue, Britannique e Europa alugou quartos nas mesmas condições. Depois começou em idas e vindas entre estes hoteis, fazendo-se servir ora num ora noutro, expiando, e disfarçando se o mais possível.

Pois é facilimo obstar a este inconveniente que tanto prejudica e fatiga o gado. Basta fazer ferver durante cinco minutos um bom punhado de folhas de louro num kilogramma de mantaiga de porco, e depois untar com ella, no sentido do pêllo, o corpo do animal. Quando se atrela um cavallo ao carro deve-se esfregar muito bem, antes de apparelhado, com esta banha assim preparada.

Collegio Academico

Tendo algumas familias pedido que haja aulas de ensino primario durante o mês de setembro, mas sendo indispensavel dar algum descanso ao pessoal docente, extenuado de um anno inteiro de trabalho, fecham as aulas de ensino primario d'este estabelecimento durante a feira de S. Bartholomeu, de 20 a 30 do corrente, para abrirem novamente na 2.ª feira de 31 de agosto.

Bibliographia

Jornal de Viagens e aventuras de terra e mar. — Recebemos o n.º 20 d'este interessante jornal que se publica no Porto, sob a direcção do sr. Deolindo de Castro.

De tarde, Lucien viu partir Hermann

A' pressa, escreveu numa das folhas da sua carteira: «Parti forçadamente. Enviarei telegramma.» — Entregareis isto, às pessoas que vierem amanhã de manhã procurar-me. De Anvers mandou-lhe o telegramma seguinte: «Homens vão para a Hollanda. Parti. Que um de vós fique na linha, onde o encontrarei indo de gare em gare, Simien. Que Mahon vá para Rotterdam, hotel Lejgraaf, e Ducrot para o hotel da Europe, na Haya; eu sigo-o; telegrapharei para estes pontos. Alojarme-hei hotel Pays-Bas, se elle me levar até Amsterdam. Parti logo. Têm estes signaes: Fato preto, pardessus pardo, uma pequena mala cor de castanho, fechos de cobre; cabeça redonda, olhos pardos vivos, cabellos e barnegros. Altura 1m,70 centímetros.»

mario, secundario e commercial no proximo futuro anno lectivo, bem como o relatorio dos trabalhos do corrente anno e dos bons resultados colhidos na finda epocha de exames. Coimbra, 19-8-96. O director do Collegio Academico, José Falcão Ribeiro.

Declaração

Os signatarios, lendo no ultimo numero da Correspondencia de Coimbra uma portaria do sr. Reitor da Universidade que os declara demittidos do quadro do pessoal da imprensa annexa a este estabelecimento scientifico, vêm publicamente declarar o seguinte: 1.º Que não é exacto (como ali se pretende explicar essa arbitrariedade), que se tivessem recusado a retomar o serviço do estabelecimento depois de competentemente reclamados pela administração.

Coimbra, 22 de agosto de 1896.

Joaquim Maria Ferreira

Joaquim Teixeira de Sá

Adolfo Ferreira.

leão.—As grandes aventuras: Sem-Cinco-Reis. — Moçambique. — A instrução nacional: O ensino da lingua pelo alphabeto natural. — No coração da Africa: No país dos elephantes. — Pelas colonias. — Pelo mundo: Novos jazigos de enxofre, O botânico padre Delavay, Restaurantes vegetaresmos. — A Inglaterra ameaçada, Polo norte, Menelick e Leão XIII. O consumo do vinho, Na nossa Africa: A rebellião dos Bangalas, Pequenas noticias. Graças—O algóz segurando para traz com a mão esquerda a testa da victima... — A vegetação em Caldeillas. — Ponte romana do Homem. — Igreja do Coucieiro. — Leão da Argelia. — Mistress Claudia, com os dilatados pelo espanto... — Um bando de elephantes desceu até á praia... Preço da assignatura: trimestre, 750 réis; provincias, 800, (pagamento adiantado). Toda a correspondencia deve ser dirigida a Deolindo de Castro, rua das Tappas, n.º 29, ou á typographia Occidental, rua da Fabrica, Porto.

Revue des Journaux et des Livres

Recomendando aos nossos leitores esta excelente revista hebdomadaria, prestamos lbe com certeza uma indicação importantissima, porque esta publicação é a mais curiosa e mais interessante da nossa epocha. Reproduz, em cada domingo o que de mais notavel apparece durante a semana em jornaes e livros: Artigos de sensação, Noticias, Contos, Chronicas, Actualidades, Curiosidades scientificas, Conhecimentos uteis, Romanços, etc., etc., bem como numerosas gravuras da actualidade: retratos, acontecimentos do dia etc. Em folhetos publica a Revista dois romances de um alto interesse emocionante, como todos os que tem publicado a Revista e que têm sido acolhidos pelo publico com o maior favor.

Brindes: — Um retrato a oleo do assignante, e um outro em carta-album. Um livro de 3 fr., á escolha; um de 2 fr. e 50., e um de 2 fr., para os assignantes de 1 anno, 6 mezes e 3 mezes respectivamente. Assignatura: — Seis mezes, 8 fr., um anno, 14 fr. Assigna-se: — 1.º em todas as estações de correio das colonias francezas, da Belgica, Dinamarca, Italia, Suissa, Paizes Baixos, Suecia, Noruega e Portugal; 2.º nas livrarias que têm correspondente em Paris; 3.º por meio do saque sobre uma casa de Paris. Os dez primeiros annos custam 100 fr., accrescendo 0 porte. Dirigir cartas e ordens a M. G. Noblet, administrador, 43, rue Cujas, Paris.

Cogido do Processo Commercial

APPROVADO POR Carta de Lei de 13 de maio de 1896 Preço 200 réis

XX Continuação da Odyssea de João das Galés

Tendo encontrado o que procurava, Gribeauval pôz-se em observação. M. de Villedieu saiu do hotel. Elle seguiu-o. D'Esprignolles, reflectindo, disséra: — Esta cara é a de Lucien Gribeauval. Pois se julgas apanhar-me, tu, meu pequeno, não sejas mau, e, se quizeres sê-lo, acatela-te, ha muitos canaes aqui e por a mais estreita abertura dos parapeitos... far-te-hei mergulhar no Rokin. Quando se viu seguido, como conhecida perfectamente Amsterdam, onde tinha vindo varias vezes para vender joias; e como Amsterdam é uma cidade onde é facil esconder-se qualquer pessoa, desnoiteou facilmente Lucien, e chegou só a San Anthonie. Samuel Mergbach perguntou-lhe porque é que tinha voltado tão cedo. — Preciso receber o meu dinheiro antes da partida do ultimo trem, disse d'Esprignolles. — É impossivel. — Preciso absolutamente d'elle. Ide, eu espero-vos aqui. Pazei os esforços necessarios para isso, e, se me não podereis pagar, partirei com os brilhantes para outra parte. Aqui não estou seguro. Samuel Mergbach saiu e voltou passado uma hora.

DR. A. A. DA COSTA SIMÕES A minha administração dos Hospitales da Universidade 1 volume—Preço 13000 réis Construções hospitalares (Noções geraes e projectos) 1 volume com 10 estampas — Preço 13000 réis Reconstruções e novas construções dos Hospitales da Universidade 1 volume com 2 estampas e 11 gravuras no texto—Preço 600 réis Histologia e Physiologia dos musculos Secção I—Histologia dos musculos 1 volume com 90 gravuras originaes—Preço 500 réis À venda na Imprensa da Universidade.

F. Fernandes Costa ADVOGADO Rua do Visconde da Luz, 50

Reptis e amphibios da Peninsula Iberica e especialmente em Portugal POR M. Paulino d'Oliveira Lente cathedratico de Zoologia e director do Museu zoologico da Universidade PREÇO, 400 RÉIS À venda na Imprensa da Universidade.

Manuel T. Pessoa, estudante do 5º anno de Direito, continda a leccionar Historia, Geographia e Philosophia. Rua do Visconde da Luz, 4 a 6

Lições de hygiene publica PELO DR. A. X. LOPES VIEIRA PREÇO, 15000 RÉIS À venda na Imprensa da Universidade.

Contou a d'Esprignolles 100:000 francos em notas de banco hollandézas e entregou-lhe um cheque de um milhão pagavel á vista na casa Rothschild, em Paris. — Nós vamos prevenir a casa Rothschild, disse Samuel Mergbach, que vos pagará logo que chegues a Paris. Vamos enviar-lhe immediatamente o talão do cheque dentro da carta de aviso. Não tendes inconveniente em receber d'este modo o vosso dinheiro? — Não, respondeu d'Esprignolles. Pegou nos valores e voltou por um pequeno canal, o Raam, que vae de Qwanen Burgwal a Kloveviers Burgwal. No caminho appareceu-lhe Gribeauval. — Oh! d'esta vez, pensou, tanto peor para elle. Começou a andar muito devagar atraz de Gribeauval que, tendo-se voltado e não o reconhecendo continuou o seu caminho. D'Esprignolles, com uma pancada nas pernas e um encontrão, atirou o ao canal. — Chafurda para ahi. Dirigiu-se apressadamente para o hotel, pagou a sua conta e saiu logo, levando uma pequena mala de mão que havia comprado durante a viagem. Gribeauval entretanto estava meio enterrado na lama immunda e mal cheirosa que cobria o fundo do canal. Felizmente era excelente nadador. Voltou á superficie e dirigiu-se para o lado de Kloveviers.

(Continúa).

Arrematação

(2.ª publicação)

15 No dia 30 do corrente mês, de agosto, pelas 11 horas da manhã, à porta do Tribunal de Justiça d'esta comarca, e pela execução de sentença commercial que a firma Santos & Brito d'esta cidade move contra a Corporação de Salvação Pública, também d'esta cidade e que corre seus termos pelo cartorio do escrivão José Lourenço da Costa, voltam pela segunda vez à praça e serão entregues a quem maior lance offerecer, além de metade do valor em que foram avaliados, os objectos seguintes:

Um carro de material d'incendios, avaliado em 180\$000 réis, vae à praça em 90\$000 réis.

Uma bomba para incendios, avaliada em 250\$000 réis, vae à praça em 125\$000 réis.

Uma carreta de mangueiras, avaliada em 90\$000 réis, vae à praça em 45\$000 réis.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos.

Verifiquei a exactidão
O juiz de Direito,
Neves e Castro.

Casa em bom local

14 Vende-se uma, de 4 andares e magnificas lojas, na Couraça dos Apostolos, n.º 35. Quem pretender fale com Adriano da Silva e Sousa, na mesma casa.

Liquidação

10 Na loja de Alves Borges, successor, rua do Visconde da Luz, n.º 64 a 66, se vendem por preços modicos, pregos de ferro suecico e escocio de embutir, para ferragens, e outros objectos a liquidar, e algumas qualidades de ferro suecico e escocio.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva
Cirurgião dentista
Herculano Carvalho
Medico

R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA

De 15 d'agosto a 15 d'outubro, consultas todos os dias das 9 da manhã ás 4 da tarde, na Figueira da Foz.

Rua Fresca, 43, (em frente ao estabelecimento do ex.º sr. dr. Neves).

Em agosto e outubro, aos domingos consultas ás mesmas horas em Coimbra.

Casa para arrendar

11 Na quinta de Santa Cruz, Praça de D. Luiz, ha um andar; tem agua e quintal. Tractar com Alberto Carlos de Moura, rua Ferreira Borges, n.º 6.

Bom emprego de capital

10 Vende-se uma casa sita aos Arcos do Jardim, n.º 41, com fundos para Santa Cruz.

O motivo da venda é o ter de retirar-se d'esta cidade o seu proprietario.

Para informações, na loja do sr. Castro Leão, rua Ferreira Borges, ou com o sr. Antonio Maria Leite de Albuquerque, empregado no Lyceu.

Loja da China

Ferreira Borges

10 Acaba de chegar um grande sortimento de leques, sombrinhas e estores, japoneses e chineses.

Especialidades da casa

Chás e cafés**Estabelecimento Thermal**

Dos mais perfectos do paiz

Excellentes aguas mineiras para doenca de pelle, estomago, garganta, etc.

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM

(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel em 15 de maio

Grande Hotel Club

Com estação de correio e telegrapho, medico, pharmacia e casa de barbear.

Magnificas accomodações desde 1\$200 réis comprehendendo servico, club, etc. Bonus para os medicos

O estabelecimento thermal foi completamente reformado, e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe; duas salas para douches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação e aspiração, com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem duvida o melhor do reino, mais barato e gratis para os medicos.—Viagem —Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (Beira Alta) e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carrões. A estação de Cannas na linha ferrea da Beira Alta está directamente ligada com todas as linhas ferreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Caceres, Villar Formoso, Barca d'Alva e Tuy.—Para esclarecimentos: Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear; e rua de S. Julião, 80, 1.º, referente ao Grande Hotel.—Correspondência para as Caldas da Felgueira ao gerente da Companhia do Grande Hotel.—As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarias e no deposito geral, Pharmacia Andrade, rua do Alecrim, 125.

O hotel foi este anno adjudicado á acreditada firma Silva & Ferreira, do Restaurant Club de Lisboa, ficando em vigor os antigos preços. Ha tambem boas casas mobiliadas para alugar.

VENDA

7 Vende-se em COZELHAS uma linda vivenda, que se compõe de casas de habitação, recentemente construidas, que accomodam familia numerosa; casas para caseiro e arrecadações, grande quintal de excelente terreno com muita agua, arvores de fructo, videiras, etc. É em sitio muito pittoresco e aprazivel, tendo estrada de macadam até ao local. O comprador pôde, querendo, ficar com a importancia ajustada, no todo ou parte, em seu poder, a que se faz um juro medico.

Para esclarecimentos, João Marques Mósca, solicitador, rua do Almoxarife, e Alvaro Esteves Castanheira, largo da Portagem, Coimbra.

MANTEIGA DA CONRARIA

Vende-se no Café Lusitano

COIMBRA

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

51, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moedores e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

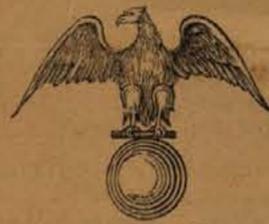
Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

**AGUA D'OURO**

FRANCISCO P. MARQUES

6 Roupas completas para homem, de 5\$000 réis para cima!
Alta novidade!

QUINTA

5 Vende-se a da Conchada. Na mesma se diz quem está auctorizado a receber propostas.

SANDALO MIDY
Pharmaceutico de 1.ª classe em Paris
Estas capsulas acabam com os fluxos em 48 horas, supprimindo a Copaliba, Cubebas e Infusões.
Pq. em Paris, 4, rue Vivienne e au dépôt, Farm. Vende-se em Coimbra na drogaria Rodrigues da Silva & C.

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

Capital réis... 1.344.000\$000
Fundo de reserva... 241.000\$000

SEDE EM LISBOA

Esta companhia a mais poderosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou raio, sobre predios, mobílias e estabelecimentos.

Correspondente Basilio Augusto Xavier d'Andrade, rua Martins de Carvalho, n.º 4.

Filtro-Mallié de porcellana d'amiantho

Esterilisação absoluta da agua.
Filtros de pressão e sem pressão.
Filtros de mesa e de viagem.

Deposito em Coimbra—Drogaria Rodrigues da Silva & C.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

2 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender. Completo sortido de corôas e bouquets, fnebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Peças douradas para adultos e crianças. Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

BICO AUER

Previlegiado em Portugal pelo alvará 1:127

50 % DE ECONOMIA NO CONSUMO DO GAZ

A prestações de 500 réis mensaes

Menos de VINTE RÉIS POR DIA, largamente garantidos pela economia obtida no consumo do gaz.

LUZ ALVISSIMA

Encommendas:
a JOSÉ MARQUES LADEIRA

99—Rua do Visconde da Luz—103

Julião A. d'Almeida & C.ª

20—Rua de Sargento Mór—24
COIMBRA

3 Neste antigo estabelecimento cobrem-se de novo guarda-soes, com boas sedas de fabrico português. Preços os mais baratos.

Tambem têm lãsinhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

Bec-beram ultimamente um sortido de sarja de sêda de variadas côres, para guarda-soes e sombrinhas de senhoras. O que ha de mais chic.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno... 2\$700
Semestre... 1\$350
Trimestre... 680

Sem estampilha:

Anno... 2\$400
Semestre... 1\$200
Trimestre... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam-se gratuitamente todos aquellos com cuja remessa este jornal fór honrado.

Typ. F. Franco Amado — COIMBRA

CAVALLOS

16 **M**uares, etc.; esquinencias, sobrecannas, ovas, esparavões, manqueiras, fraquezas de pernas, etc. curam-se com o LINIMENTO VISICANTE COSTA, e preferível ao fogo e untura forte em todos os casos. Frasco 900 réis. À venda nas principaes terras.—Depósitos: Lisboa: Quintans, rua da Prata, 194; Ferreira & Ferreira, rua da Junqueira, 332. Porto: Drogaria Moura, largo de S. Domingos, 99.—Coimbra: Rodrigues da Silva, rua Ferreira Borges, 128.—Depósito geral: Pharmacia Costa — Sobral de Mont'Agraco.

VENDE-SE

15 **A**morada de casas sitta na rua do Moreno n.º 7 e 9, facultando-se ao comprador o pagamento a prazo mediante juro razoavel. Tracta-se na rua da Sophia, 35.

PIANO

15 **V**ende-se um em bom uso Praça do Comercio, 54.

Casa em bom local

13 **V**ende-se uma, de 4 andares e magnificas lojas, na Couraça dos Apostolos, n.º 35. Quem pretender fale com Adriano da Silva e Sousa, na mesma casa.

Liquidação

12 **N**a loja de Alves Borges, successor, rua do Visconde da Luz, n.º 64 a 66, se vendem por preços modicos, pregos de ferro sueco e escocio de embutir, para ferragens, e outros objectos a liquidar, e algumas qualidades de ferro sueco e escocio.

Tratamento de molestias da bocca e operações de cirurgia dentaria

Caldeira da Silva Cirurgião dentista
Heroulano Carvalho Medico
R. de Ferreira Borges (Calçada), 174
COIMBRA

De 15 d'agosto a 15 d'outubro, consultas todos os dias das 9 da manhã às 4 da tarde, na Figueira da Foz.

Rua Fresca, 43, (em frente ao estabelecimento do ex.º sr. dr. Neves).

Em agosto e outubro, aos domingos consultas às mesmas horas em Coimbra.

Casa para arrendar

11 **N**a quinta de Santa Cruz, Praça de D. Luiz, ha um andar; tem agua e quintal. Tractar com Alberto Carlos de Moura, rua Ferreira Borges, n.º 6.

Bom emprego de capital

10 **V**ende-se uma casa sitta aos Arcos do Jardim, n.º 41, com fundos para Santa Cruz.

O motivo da venda é o ter de retirar-se d'esta cidade o seu proprietario.

Para informações, na loja do sr. Castro Leão, rua Ferreira Borges, ou com o sr. Antonio Maria Leite de Albuquerque, empregado no Lyceu.

Loja da China

Ferreira Borges

9 **A**caba de chegar um grande sortimento de leques, sombrinhas e estores, japoneses e chineses.

Especialidades da casa

Chás e cafés

CALDAS DA FELGUEIRA

CANNAS DE SENHORIM
(BEIRA ALTA)

Abertura do estabelecimento thermal em 1 de maio e fecha em 30 de novembro

Abertura do Grande Hotel em 15 de maio

Estabelecimento Thermal

Dos mais perfectos do paiz

Excellentes aguas mineraes para doença de pelle, estomago, garganta, etc.

Grande Hotel Club

Com estação de correio e telegrapho, medico, pharmacia e casa de barbear. Magnificas accommodações desde 1500 réis comprehendendo serviço, club, etc. Bonus para os medicos

O estabelecimento thermal foi completamente reformado, e comprehende 60 banheiras de 1.ª a 5.ª classe; duas salas para douches, uma para senhoras e outra para homens, e a mais completa sala de inalação, pulverisação e aspiração. Com gabinetes annexos e independentes para toilette. É sem duvida o melhor do reino, mais barato e gratis para os medicos. — Viagem — Faz-se toda em caminho de ferro até Cannas (Beira Alta) e d'ahi, 5 kilometros de estrada de macadam, em bons carros. A estação de Cannas na linha ferrea da Beira Alta está directa mente ligada com todas as linhas ferreas hespanholas que entram em Portugal por Badajoz, Caceres, Villar Formoso, Barca d'Alva, Tuy. — Para esclarecimentos: Em Lisboa: rua do Alecrim, n.º 125, referente ao estabelecimento balnear; e rua de S. Julião, n.º 7, referente ao Grande Hotel. — Correspondencia para as Caldas da Felgueira ao gerente da Companhia do Grande Hotel. As aguas engarrafadas vendem-se nas pharmacias e drogarías e no deposito geral, Pharmacia Andrade, rua do Alecrim, — 5.
O hotel foi este anno adjudicado à acreditada firma Silva & Ferreira, do Restaurant Club de Lisboa, ficando em vigor os antigos preços. Ha tambem boas casas mobiladas para alugar.

VENDA

7 **V**ende-se em COZELHAS uma linda vivenda, que se compõe de casas de habitação, recentemente construidas, que accomodam familia numerosa; casas para caseiro e arrecadações, grande quintal de excellente terreno com muita agua, arvoredos de fructo, videiras, etc. É em sitio muito pittoresco e aprazível, tendo estrada de macadam até ao local. O comprador pode, querendo, ficar com a importancia ajustada, no todo ou parte, em seu poder, a que se faz um juro modico. Para esclarecimentos, João Marques Mõsa, sollicitador, rua do Almoarif, e Alvaro Esteves Castanheira, largo da Portagem, Coimbra.

PEDIR OS PROSPECTOS

Assinatura 100 RS. cada n.º	Os leitores da REVISTA, além do texto, comprehendendo o original de perto de 90 paginas em 8.º, tem tambem	UMA FOLHA de uma peça original portuguesa, paginada separadamente, de maneira a formar um elegante volume.	SAE NOS DIAS 1 E 15 de cada mes
Grátis			
REVISTA THEATRAL ILLUSTRADA	Critica, Historia, Estudos e doutrinas, Correspondencias, etc.	PEÇAS PUBLICADAS SALTIMBANCO de Antonio Ennes JUCUNDA de Abel B. Telho ALCAOER-KIBIR de D. João da Câmara PARAISO CONQUISTADO de Lopes de Mendonça	PROVINCIAS ANTIGA CASA BERTRAND
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. Nova do Carmo, 76. 2.º — LISBOA			
ENVIA-SE UM NUMERO GRATIS A QUEM O REQUISITAR			

Fernão Pinto da Conceição

CABELLEIREIRO

3 **G**rande sortimento de cabellos e belleiras para anjo theatro, etc.

Escadas de S. Thiago n.º 2
COIMBRA

Pharmacia

2 **C**ompra-se ou arrenda-se no districto de Coimbra. Esclarecimentos ao sr. Adelino Saraiva, Pharmacia da Misericordia — Coimbra.

“RESISTENCIA”

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:
Anno..... 28700
Semestre..... 15350
Trimestre..... 680
Sem estampilha:
Anno..... 25400
Semestre..... 15200
Trimestre..... 600

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 p. c.

LIVROS

Annunciam se gratuitamente todos aquelles com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. Franco Amada — COIMBRA

MANTEIGA DA CONRARIA
Vende-se no Café Lusitano

COIMBRA

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

João Gomes Moreira

50, Rua Ferreira Borges, 52 (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego.—Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, e-ssos vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Ingles e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietarios e mestres de obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores actores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas



AGUA D'OURO
FRANCISCO P. MARQUES

6 **R**oupas completas para homem, de 5000 réis para cima!
Alta novidade!

QUINTA

5 **V**ende-se a da Conchada. Na mesma se diz quem está auctorizado a receber propostas.

SANDALO MIDY
Pharmaceutico de 1ª classe em Paris
Esta capsula acaba com os fluxos em 48 horas, supprimindo a Copula, Hilho, Cubeban e Infusões.
log. em Paris, R. rua Triboulet n.º 121, Paris.

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

Capital réis... 1.344.000.000
Fundo de reserva... 241.000.000

SEDE EM LISBOA

4 **E**sta companhia a mais poderosa de Portugal, por intervenção do seu correspondente em Coimbra, toma seguros contra fogo ou rai, sobre predios, mobillas e estabelecimentos.

Correspondente Basílio Augusto Xavier d'Andrade, rua Martins de Carvalho, n.º 4.

Filtro-Mallié
de porcellana d'amiantho

Esterilisação absoluta da agua.
Filtros de pressão e sem pressão.
Filtros de mesa e de viagem.

Deposito em Coimbra—Drogaria Rodrigues da Silva & C.ª

JOÃO RODRIGUES BRAGA
SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)
1 **A**rmazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.
Completo sortido de cordões e bouquets, innebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.
Continua a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

BICO AUER

Privilegiado em Portugal pelo alvará 1:127
50% DE ECONOMIA NO CONSUMO DO GAZ
A prestações de 500 réis mensaes
Menos de VINTE RÉIS POR DIA, largamente garantidos pela economia obtida no consumo do gaz.

LUZ ALVISSIMA

Encommendas:
a JOSÉ MARQUES LADEIRA
99—Rua do Visconde da Luz—103

RESISTENCIA

N.º 160

COIMBRA — Domingo, 30 de agosto de 1896

2.º ANNO

Approximando-se do fim

Incessantemente vae subindo a divida fluctuante. Como resposta a relatorios officiaes e a artigos publicados nas folhas do governo, em que impudentemente se afirma o equilibrio das receitas com as despezas do Estado, lá vêm, sempre retardadas, as notas officiaes d'essa divida denunciar, num laconismo que vivamente impressiona, as difficillimas circumstancias em que o thesouro publico se encontra.

Expediente de que se soccorrem os governos sempre que os recursos ordinarios do Estado não são sufficientes para a satisfação dos encargos que sobre elle pesam, a divida fluctuante é, quando attinge uma elevada somma, indicio que só de per si testifica de modo indubitavel a existencia d'uma critica administração financeira, e a sua exigibilidade em curtos prazos constitue sempre um enorme perigo. D'ahi vem que só os Estados sem credito deixam avolumar essa divida, pela impossibilidade de contrahirem um emprestimo publico que a consolide. É o que se dá com a Turquia e o que succedeu no Egypto emquanto lá não houve uma administração estrangeira. É o que se verifica agora no nosso país.

De ha muito que a divida fluctuante excede a cifra em que os governos, no tempo em que lhes era possivel contrahirem emprestimos publicos, intendiam necessario consolidá-la. Em 29.462:408\$835 réis nos diz a ultima nota official que ella estava em 30 de junho findo, e as combinações para a sua consolidação costumavam ordinariamente dar-se antes que attingisse 20:000 contos. Se o governo não tem recorrido a ellas, é porque o anima a profunda convicção de que resultado algum colheria. A monarchia não tem credito; hoje é-lhe completamente impossivel contrahir um emprestimo no estrangeiro.

Irá, portanto, subindo indefinidamente a divida fluctuante. Nos ultimos cinco annos, não obstante estar o país sujeito a medidas de salvação publica, havendo-se reduzido o juro da divida, tendo-se effectuado enormes deducções nos ordenados dos funcionarios publicos e augmentado extraordinariamente alguns impostos, houve nessa divida um augmento de 10.149:943\$852 réis.

É animador!

E esse desequilibrio cada vez

se accentuará mais. Não póde a monarchia fazer uma administração séria, pôr termo aos enormes esbanjamentos e incessantes roubos que se dão nos cofres publicos, porque isso seria a sua perdição. Só tem quem a sirva, porque é perdularia, paga generosamente e assegura a impunidade aos grandes ladrões. Se procedesse d'outro modo, seria immediatamente abandonada.

Mas isto é, afinal, um simples adiamento. Não póde hoje recorrer a um emprestimo publico, não poderá amanhã descontar letras do thesouro, ainda que pague elevadissimo juro. É questão de mais ou menos tempo, mas fatalmente chegará a essa situação. E então será irremediavelmente condemnada, e quem sabe se com ella um país que tão cobardemente se tem deixado expoliar.

O crédor é cruel, e sobretudo para com aquelles que não só á incuria e criminoso desleixo mas aos mais revoltantes actos de prodigalidade devem a sua insolvencia. E a bancarrôta, que é o termo fatal a que a monarchia nos levará, não póde de modo algum attribuir-se a qualquer desgraça que ferisse o país, a um d'esses accidentes imprevisos que reduzem á miseria não só individuos mas também nações; deriva unica e exclusivamente da pessima administração financeira de todos os governos da monarchia perante a qual o país se tem sempre mantido na mais criminosa indifferença. A monarchia, e o país que a tolera, não merecem pois a minima contemplação.

Não a merecem e não a terão.

O estrangeiro está-nos jogando já as maiores affrontas. Recusa-se a admitir á cotação nas suas bolsas os titulos de divida das nossas companhias dos caminhos de ferro e dos tabacos de que o governo é possuidor e que pretende negociar. Para fundar qualquer empresa em Portugal não empresta nem um centil. A sua imprensa dá-nos como um país perdido, completamente esmagado já pelo peso da divida publica.

E é nestas circumstancias que o governo tem de arranjar dinheiro para pagar vasos de guerra, e a indemnização do caminho de ferro de Lourenço Marques e o coupon de janeiro!

Isto vae-se approximando do fim.

Foi concedido o terço do ordenado ao sr. dr. Manuel Nunes Geraldès, decano da faculdade de Direito.

CONTRA AS LICENÇAS

Para tratar da questão das licenças que, tendo sido creadas pela lei de 21 de outubro de 1863, só pela lei do sello de 21 de julho de 1893 foram fixadas em 40\$000 réis e exigidas agora, reunin-se ante-hontem á noite em assemblea geral a Associação Commercial, effectuando-se ainda na sala da Associação dos Artistas uma reunião de operarios e industriaes, a fim de accordar no procedimento a seguir por parte dos interessados.

Na Associação Commercial resolveu-se telegraphar ao ministro da fazenda, pedindo a suspensão da execução das licenças; representar ao governo para que revogue essa medida tributaria, solicitar o apoio da Associação commercial do Porto e promover uma manifestação perante o governo civil das classes commercial e industrial.

Esta proposta, que foi apresentada pela direcção da Associação Commercial e approvada por aclamação, era precedida dos seguintes considerandos:

«Considerando que a lei de 21 de outubro de 1863, na parte relativa ás licenças para os estabelecimentos considerados insalubres, incommodos ou perigosos, é absurda, inopportuna, iniqua e vexatoria:—*absurda*, porque, pelo facto do estado cobrar as respectivas importancias, nem por isso deixa de haver os mesmos perigos para a saúde e segurança publica;—*inopportuna*, porque, sendo lei desde 21 de outubro de 1863, só agora, trinta e três annos depois, é que é posta em execução;—*iniqua*, porque não estabelece differenças entre o grande e o pequeno deposito;—*vexatoria*, porque mais vem agravar as já precarias circumstancias do contribuinte, ficando os estabelecimentos munidos de licença sujeitos a uma fiscalização, que se póde tornar importuna;

Considerando que a sua execução arrastaria consigo a miseria para muitos pequenos commerciantes e industriaes, que, sem meios para satisfazerem as licenças e respectivos processos, ficariam privados dos meios de subsistencia».

O sr. João Alves Barata propoz, sendo tambem approvado por unanimidade, que se officiasse á camara municipal para que, como representante dos contribuintes, proteja a causa d'estes.

Em seguida foi enviado ao ministro da fazenda o seguinte telegramma:

«A Associação Commercial de Coimbra, reunida em assemblea geral, protesta junto de v. ex.ª contra a execução da lei de 21 de outubro de 1863, na parte relativa ás licenças para os estabelecimentos e officinas considerados insalubres, incommodos e perigosos. Esta Associação vae representar, sobre o mesmo assumpto, ao governo de Sua Magestade. — (a) Presidente da assemblea geral».

Na Associação dos Artistas, onde se reuniram operarios e industriaes em numero superior a 400, resolveu-se por aclamação adherir ás resoluções da Associação Commercial, acompanhando a direcção da Associação Commercial ao governo civil.

Realizou-se hontem, pela 1 hora e meia da tarde esta manifestação, indo ao governo civil commerciantes, industriaes e operarios em numero superior a 400. O ponto de reunião foi a Praça do Commercio.

Dirigindo-se para o governo civil foram alli recebidas pelo governador civil substituto a mesa da assemblea geral e direcção da Associação Commercial e a comissão nomeada na reunião da Associação Commercial.

O governador civil, ouvidas as reclamações dos commerciantes e industriaes, communicou-lhes que o inspector geral do sello já havia telegraphado prorogando por mais 60 dias o prazo para requerer as licenças e aconselhou o pedido de revisão da lei no sentido de serem exceptuados os pequenos estabelecimentos.

×

É digna dos mais calorosos applausos a attitude dos commerciantes e industriaes perante a inqualificavel exigencia do governo que pretende applicar agora, depois de ter vivido inoffensivo durante 33 annos, uma lei absurda e iniqua. Não se comprehende que, a titulo d'uma licença que só tem por fim garantir a segurança ou commodidade do publico, se vá exigir um imposto, além da contribuição industrial a que já estão sujeitos os estabelecimentos que têm de pedir essa licença.

E a lei de 63 está redigida em termos tão vagos e indefinidos, que nella se comprehendem estabelecimentos que não são incommodos, nem perigosos, nem insalubres. Parece que, a pretexto da segurança publica, quiz o legislador obter para o Estado uma verdadeira fonte de receita!

É assim que se procede em Portugal, até quando se trata dos assumptos de maior gravidade!

Nem a outra consideração attendeu o governo, que não fosse ao augmento das receitas, vindo resuscitar uma lei que no olvido encontrou o justo destino das absurdas disposições que continha. Quer dinheiro, muito dinheiro, porque só assim póde pagar a commissarios regios, a embaixadores que jogam, a afillhados que vivem com a maior ostentação sem nada fazerem.

E os commerciantes, e os industriaes, e os trabalhadores, que já luctam com mil difficuldades para viverem modestamente, que paguem todas essas loucuras! Pague um lateiro dez mil réis para poder atormentar os ouvidos do vizinho! Já se viu disparate igual! Haverá maior loucura!

Positivamente, isto chegou a estado tal que não é possivel supportar mais as exigencias, ou, antes, as expoliações d'um fisco faminto, mercê dos esbanjamentos de governos corruptos e corruptores.

Tê-lo-ha comprehendido assim o commercio e a industria?

Nós estamos dispostos a applaudir sempre que saibam luctar efficazmente contra exigencias iniquas e absurdas.

As restaurações artisticas

EM

COIMBRA

XI

Sé Velha. O edificio foi durante muito tempo sujeito a obras que lhe modificaram o aspecto primitivo, obras sobretudo importantes nos seculos XV e XVI. Externamente ha a lamentar as portas de Santa Clara e a especiosa, singulares obras d'arte que mascararam o aspecto austero e severo do velho templo, enchendo-o de decorações d'um alto valor artistico, mas que o tempo tem quasi completamente destruido.

Hoje é para lamentar não se poder reconstruir o aspecto exterior da antiga cathedral, e ter de conservar as ruinas pittorescas das obras do renascimento, cuja deterioração não pára, e cuja destruição se vê caminhar dia a dia.

Ainda no seculo XVI se fez a sacristia, obra importante de mar-mores polychromaticos, bem comprehendida e bem executada, mas que foi encobrir as paredes da abside e dos absidiolos, e prejudicar assim o effecto geral das grandes linhas do velho templo.

Do lado da imprensa da Universidade construiu-se no seculo XV o claustro, estabelecendo por essa occasião a passagem abobadada, com entrada por uma pequena porta fronteira á que mais tarde se fez na sacristia.

O claustro e esta passagem encobriram as paredes da Sé Velha e destruíram-nas em parte.

No seculo XVI fez-se nova passagem para o côro, que acabou de encobrir este lado do templo.

Dentro, os estragos não têm sido menores.

No seculo XV construiu-se ao fundo do templo, junto da porta de entrada, um pequeno côro de tecto de madeira *mudegar*, destruindo em parte as columnas, para em seu logar fazer um arco deselegante e sem graça do mesmo estylo.

No mesmo seculo se fez a obra de talha do altar mór, obra preciosa, mas que foi destruir o primitivo altar dedicado á Virgem; se encobriu o tumulo d'um bispo collocado do lado da epistola com um quadro de estuque *mudegar*, emoldurando um nicho d'imagem ou da reliquia, e se abriu uma pequena janella do lado do evangelho, em que o esculptor deixou, numa inscripção gravada, uma palavra — *lopo*, que era talvez o nome d'elle.

Já anteriormente se tinham des-

RESISTENCIA

N.º 161

COIMBRA — Quinta feira, 3 de setembro de 1896

2.º ANNO

Aos que atacam o rei, defendendo a monarchia

É sagrada e inviolável a pessoa do rei, diz a carta constitucional.

Princípio fundamental da forma monarchica, esta disposição sanciona a completa irresponsabilidade do rei pelos actos que pratique como chefe do Estado ou simples particular. Não é responsável o rei, nomeando ou demittindo os seus ministros, como o não é no exercicio das relações conjugaes; é a mesma a sua inviolabilidade, quando de manto régio aos hombros lê o discurso da corôa, como quando de geresana vae esperar touros; é igualmente sagrado, quando quebre um juramento, como quando a tiro mate um touro ou andorinhas.

Sempre inviolável, o rei não deve ser elogiado por qualquer acto, como tambem não pôde ser censurado. A censura não pôde feri-lo; o elogio não pôde dar-lhe prestigio.

A coberto das apreciações dos homens o põe a carta constitucional, enquanto for pessoa; livre-se elle de que os irracionais, que desconhecem os principios em que se basêa a politica monarchica, o tornem uma cousa. O rei não está sujeito a responsabilidade alguma; só os irresponsaveis, dentro do credo monarchico, é que o podem agredir.

Esta doutrina é indiscutivel para todos os monarchicos.

Quem censure os actos do rei, quem affirme que elle procede levanamente, no exercicio das suas funcções, como chefe do Estado ou nos actos que pratique, como particular, desacata um dos principios fundamentaes do actual regimen politico e razão ha para que se lhe chame incoherente, quando, após a censura, continue a dizer-se monarchico.

Dizer que é mau o rei e que é boa uma forma de governo que não permite imputar-lhe a responsabilidade dos actos que pratique e assegura a sua perpetuidade no exercicio do cargo, se não é uma incoherencia, é um verdadeiro contra-senso.

Podem operar-se reformas politicas, dentro do systema monarchico; é este susceptivel, num ou noutro ponto, de aperfeçoamento; mas, por mais importantes que sejam as reformas effectuadas, nunca estas farão d'um mau rei um bom chefe de Estado e nunca será possível,

com um mau chefe do Estado, o regular funcionamento do organismo politico. É tão proeminente o lugar que neste occupa o poder moderador, privativamente exercido pelo rei, que o mau uso das attribuições que formam esse poder fatalmente determinará gravissimas irregularidades, na publica administração.

Dado que, porém, se pretendesse annullar a influencia do rei, a forma monarchica seria igualmente indefensavel para os que o censuram. Para outra entidade passariam as funcções de chefe do Estado, não havendo na escolha d'ella as necessarias garantias; e, por outro lado, a nação continuaria a dispendir enormes sommas com a monarchia, o que, nas circumstancias difficillimas em que o thesouro se encontra, é um argumento de não pouca ponderação contra a actual forma de governo.

Com um mau rei, pois, nunca poderá ser boa a monarchia. Quem sustente o contrario é, pelo menos, incoherente.

Mas onde está um homem no partido republicano, dizem, para exercer o lugar de chefe do Estado? Nós reconhecemos que a monarchia funciona mal, mas não vemos homens no partido republicano que nos garantam que a Republica dará melhores resultados.

Assim argumentam os monarchicos que, censurando o rei, combatem o partido republicano. Muito generosos, confessam que o partido republicano teve grandes homens, como Latino Coelho, Elias Garcia, José Falcão, Rodrigues de Freitas... porque já morreram; e, para provar que os que vivem nada valem, faz-se o recenseamento dos jornaes republicanos de Lisboa e Porto, como se elles foram o partido!

Ainda ha pouco assim fallava o *Jornal do Commercio*.

Não é possível raciocinar d'um modo mais lastimoso. Que o partido republicano tenha ou não homens de valor, é isso completamente indifferente ao assumpto que se discute. Preferir a monarchia á Republica quem ataca, pelo mau exercicio das suas funcções, o chefe do Estado, só o pôde fazer afirmando que não ha no país quem possa com vantagem substituir o rei.

Não é necessario que um cidadão tenha militado activamente no partido republicano, para que seja eleito primeiro magistrado da nação.

Os actuaes republicanos nada mais fazem do que pugnar por uma

mudança d'instituições, de que depende o futuro do país. Este, uma vez operada a transformação, escolherá quem o ha de governar.

Não se argumente, pois, com a falta d'homens de valor no partido republicano. Quem ataque o rei e reconheça que no país ha um cidadão que tenha merecimentos superiores a elle para chefe do Estado, deve pugnar por uma mudança d'instituições.

Se não quizer ir até ali, mantenha-se dentro dos limites da carta e espere que o rei se regenere. Pôde até pedir a Deus que o converta, que a carta não o prohibe.

DR. ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA

Pelas ultimas noticias vindas da Africa soubemos que este nosso querido amigo tinha chegado a S. Thomé, vindo de Loanda. Gosava saudade e fixára definitivamente a sua residencia naquella cidade.

Ali soube da publicação da 2.ª edição da *Desaffronta*, para a qual tencionava mandar algumas emendas que já não poderiam chegar a tempo.

Escusado será dizer que o nosso distincto correlligionario não receberá nem um ceitil d'esta edição, como já não tinha recebido da primeira.

Promette-nos o nosso antigo collega algumas cartas d'ali, distincção que muito honra o nosso jornal e que nós muito agradecemos.

Os ultimos telegrammas de Manila dizem que a insurreição nas Filipinas tem alaistrado muito.

Dr. Eduardo Vieira

Partiu para a Figueira da Foz, com sua ex.^{ma} familia, o nosso querido amigo e prestimoso correlligionario dr. Eduardo Vieira, conceituado advogado nesta cidade.

Vae em caminho d'uma solução amigavel a pendencia entre a Italia e o Brasil. Os animos neste país, serenaram em virtude das medidas adoptadas pelo governo, que tem sido energico e prudente.

Dr. Fernandes Costa

Acompanhado de sua ex.^{ma} esposa e filhinhos, partiu para Foz d'Arouce, onde conta demorar-se todo o mês de setembro, este nosso querido amigo e distincto professor do lyceu de Coimbra.

Regressou a Coimbra o nosso querido amigo sr. Antonio Albino de Carvalho Mourão, que ha dous meses andava inspeccionando as escholas d'instrucção primaria no districto d'Aveiro.

O quadro da Misericordia do Porto

Levantou-se ultimamente uma controversia acerca da identidade dos personagens que neste quadro figuram, bem como acerca do artista, ao qual deve attribuir-se esta obra gloriosa.

A questão tratada em folhas volantes, de afogadilho, por entre biscas pessoas, com argumentos de intuição e elaboração intellectual sobre photographias e gravuras, ficará sendo uma das anedoctas mais probativas do estado de fragilidade e de somnambulismo em que se encontra entre nós a educação dos espiritos embicados á predilecção e ao estudo da Arte.

A sacóla da dialectica cheia de argumentos leves como cascas de alhos, esvaziou-se ao primeiro embate; e a polemica terminou por inanição.

E bom foi, porque o fiasco ameaçava prolongar-se com a intervenção dos noticiarios e das correspondencias das praias.

A critica instruida, embora fallivel, que tinha pronunciado sobre essa peça magistral os nomes de Holbein, Quentin de Matsys, Bernard van Orley, ou qualquer outro da eschola de Gerard David; que tinha estabelecido, com mais ou menos segurança, mas em todo o caso, com erudição profunda, elucidações preciosas de orientação no dominio das obras de origem ou influencia flamenga em Portugal, cedeu o lugar a pretenções arbitrarías e fatuas de Van-Eyck, de méro espalhafato e argucias de *lana caprina*!...

Mas, como nada no mundo se perde, o lado util d'este incidente foi fixar a attenção sobre um inclassificavel delicto, que tem passado despercebido, e deve levantar a inexoravel condemnação de todos os homens cultos.

O quadro *Fons vitae* da Misericordia do Porto foi ha cerca de dois annos restaurado pela forma mais audaciosa e barbara!

Que é das medidas de repressão tantas vezes sollicitadas e prometidas?...

Essa pintura extraordinaria achase repintada com toda a impudencia d'um inaudito escandalo e d'uma requintada brutalidade!

Esse odioso attentado por em quanto tem o salvaterio illusorio do verniz; mas não é precisa grande somma de perspicacia technica, para se reconhecer toda a extensão do deploravel estrago.

As laccas dentro do curto periodo de dez ou quinze annos tornarse-hão opacas e inertes e a primitiva coloração brilhante de velaturas, translucidas e intensas, como,

pedras preciosas, ficará murcha e bituminosa pela superposição de cores espessas e falsas!

Como poude praticar-se um tal desacato sem um brado de indignação geral!...

Mas a aggravante incomprehenivel, que attinge as raías do inverosimil, é o facto de haver sido a obra realizada com o beneplacito e o apoio d'uma commissão de professores de bellas-artes das Academias do Porto e Lisboa!

Isto é positivo!!

A direcção da Misericordia pôde illibar-se por este modo de todas as responsabilidades, que vão esmagar vergonhosamente esses deploraveis conselheiros!...

Mas a imprensa do Porto porque não acoça sem treguas essa perversidade derrancada e estúpida que por lá anda ás soltas, que assolou o quadro da Misericordia, e que no Museu municipal anda exercendo as mesmas sevicias sobre as obras capitais?

E ha de continuar, se o protesto não for unanime e violento, sem contemplações e sem caridade!

Por todo o país, cidades e aldeias, as palavras são impotentes para castigar a reincidencia de taes crimes. Tem-se visto que o processo da propaganda e da persuasão só pôde dar resultados imperceptiveis.

Abra-se um novo capitulo no codigo penal:—a cadeia e a Africa, para esta especie execravel de incorrigiveis malleitores!

N. B.—Depois de escripta esta algarvia, lemos na *Marselheza*:

«Segundo um telegramma que hontem recebemos de Evora, acaba de ser demonstrada alli, a authenticidade do quadro da misericordia do Porto, attribuido pelo sr. Moreira Freire a um dos irmãos Van Eyck.»

A tribu dos curiosos a fazer das suas!

Partiu para a Figueira da Foz, em companhia de sua ex.^{ma} familia, o sr. conselheiro dr. Antonio dos Santos Viegas, illustre decano da Faculdade de Philosophia.

Colyseu Figueirense

No dia 8 de setembro, é a 3.ª corrida da epocha.

Grandiosa e excepcional festa tauro-machica, promovida pela direcção do *Colyseu Figueirense*, em benefício da Santa Casa da Misericordia de Buarcos.

Tomam parte nesta excepcional corrida o insigne espada—Rafael Guerra (Guerrita), acompanhado da sua *cuadrilla*; e os mais distinctos artistas nacionaes.

Os touros são do ganadero sr. Faustino da Gama.

O cavalleiro nesta corrida é Manuel Casimiro.

RESISTENCIA

N.º 162

COIMBRA — Domingo, 6 de setembro de 1896

2.º ANNO

ABYSSUS ABYSSUM...

Não é nunca impunemente que se abdica em face do despotismo.

A historia, que, segundo a expressão consagrada, é a mestra da vida, demonstra a toda a luz, que quanto mais os povos se humilham tanto mais o despotismo se ergue feroz e indomavel, procurando esmagar tudo que pôde ser obstaculo á sua completa expansão. E, sempre que um poder independente se curva submisso, se humilha, perante outro poder, este não descança em quanto o não esbulha de todos os seus direitos e regalias, até o annullar completamente, reduzindo-o a uma simples chancellaria das suas arbitrariedades. E este espectáculo lamentavel é o que se está dando entre o poder executivo e o judicial, que está soffrendo bem duramente, e com grande prejuizo dos direitos dos cidadãos, todas as consequências da sua falta de independencia, da sua condemnavel subserviencia diante das invasões, cada vez mais crescentes e ameaçadoras, do poder executivo. Tem sido uma abdicção completa e criminosa, que muito caro lhe está custando, para vergonha da nação.

Não ha injuria que os governos não tenham feito ao poder judicial, tornando-o escravo das suas vontades, vergando-o sem cessar a todas as suas arbitrariedades! E, comtudo, nunca aquelle poder se insurgiu, como lhe cumpria, por honra propria e do pais, contra os attentados do executivo; antes encontrou nelle um auxiliar poderoso, na empresa que de longa data se iniciou, com o fim de supprimir todas as liberdades publicas, todos os direitos, ainda os mais sagrados e inviolaveis, dos cidadãos.

Tanto se humilhou a magistratura, prestando-se sempre a todas as imposições, ainda as mais aviltantes, perseguindo quem o governo queria ver perseguido, deixando impunes todos os traficantes que o mesmo governo tinha por auxiliares da sua obra demolidora, que este se julgou bastante forte e poderoso, para passar por sobre ella, sempre que lhe aprouvesse ou lhe fosse exigido pelos seus collaboradores, isto é, pelos seus adeptos mais fervorosos.

A magistratura humilhára-se até ao ponto de sancionar com accordões vergonhosos, e até falhos na grammatica, o maior attentado constitucional que ainda nenhum go-

verno ousára commetter — o da cobrança coercitiva dos impostos, em dictadura, quer dizer, sem lei que os auctorizasse. Isto nunca se viu e cremos que nenhuma outra magistratura o sancionaria.

Pois bem! O governo, que tão agradecido lhe deveria estar, tem nella tanta confiança, respeita-a tanto, que lhe tem arrebatado, uma a uma, todas as attribuições que melhor poderiam garantir os direitos do cidadão. Acatou a tal ponto o poder judicial que, em materia de impostos indirectos, achou mais idoneo um qualquer cabo de esquadra e até soldado razo do que um juiz de direito! Isto é espantoso; mas a magistratura calou-se. E, como ella a tudo se submete, já a audacia do poder executivo vai até, por simples despacho, revogar uma sentença que passára em todas as instancias! Agora queixa-se e reclama, quando já carece d'auctoridade para o fazer e para protestar contra a invasão perigosamente assustadora dos seus direitos e das suas mais elevadas attribuições. Vai a tempo, não tem duvida. Espere pelo resultado dos seus protestos, que ha de ser excelente...

O governo iri-se d'elles e d'ella, e tem razão. E, como é que não ha de proceder assim, se a magistratura nunca teve voz para se fazer ouvir, se nunca teve acção a não ser contra os pequenos e humildes? Como é que o governo se não ha de rir dos seus protestos tardios, se elle viu, deante de si, no *Solar*, de comica recordação, alguns juizes a applaudi-lo freneticamente pelos seus maiores attentados, prestando-se a votar leis que fazem do poder judicial um simples e humilde creado do executivo? A celebre lei de 13 de fevereiro é d'isso um exemplo frisante.

Ora, se a magistratura se submetteu e amesquinhou a ponto de receber silenciosa as maiores e mais graves injurias, com que direito vai protestar contra actos que são a natural consequencia dos seus erros, das suas constantes e humilhantes subservencias? Não se pôde comprehender facilmente o seu recente procedimento. Os seus protestos, meramente platonicos, quer dizer, inoffensivos, são tomados pelo governo na conta que merecem. O resultado vê-lo-ha ella brevemente.

O governo, como resposta a esses protestos, vai publicar um regulamento — o da fiscalização do imposto do sello — em que mais uma

vez manifesta o seu respeito pela magistratura. Segundo as nossas informações, ao poder judicial vai ser arrancado o julgamento das infracções d'aquelle imposto, creando para elle um tribunal de excepção. Mas, em compensação, concede á magistratura o julgamento das contravenções das posturas municipaes! Um cumulo.

E continuar-se-ha, visto que os offendidos appellam para a justiça do chefe do Estado, e este, no dizer de certas gazetas, anda completamente illudido pelos seus deslealissimos conselheiros...

Rodrigues da Silva

Partiu para a Figueira da Foz, onde vai passar este mês em companhia de sua ex.^{ma} irmã e extremecido sobrinho, este nosso querido amigo e prestantissimo correligionario.

O sr. Dias Ferreira prevê que dentro de três annos vamos ter uma administração estrangeira, mercê dos esbanjamentos do actual governo. Essa previsão, porém, só se realizará se não for chamado ao poder antes de decorrido esse tempo. Que, se o fór, está tudo salvo!

D'esta vez, disse elle algures, não governará com o paço mas com a praça. O homem quer auxilio e a praça poderá dar-lho... mas não é para o guindar ao poder.

Nas Filipinas

Os ultimos telegrammas de Manilla confirmam os fundados receios que havia da gravidade do movimento insurreccional das Filipinas. Essa insurreição tomou um notavel incremento, havendo na provincia de Manilla 5:000 insurrectos, na de Cavite 2:000, bastantes partidas, cuja importancia se desconhece, na provincia de Nueva Ecija, e grandes receios de que entrem no movimento as provincias de Berlacao, Pampanga e Batagas.

Pelo que respeita a qualidade dos chefes da insurreição, declara um despacho official que elles são na maior parte auctoridades municipaes e pessoas poderosas. No entanto o governador diz não precisar agora de mais reforços da metropole, porque as tropas indigenas têm sido leaes.

A China e a arbitragem internacional

O principio da arbitragem internacional acaba de ter uma importante adhesão: a do Celeste Imperio.

Li-Hung-Chang durante os dias em que se demorou em Inglaterra recebeu em audiencia uma delegação da Sociedade inglesa e estrangeira da arbitragem, que lhe apresentou um memorial em que solicitava a adhesão da China ás idéas que defendia.

O celebre embaixador, depois de ouvir a leitura do memorial, quiz esclarecer-se sobre o alcance da pretensão dos delegados, fazendo-lhes algumas interrogações.

—Trata-se de impôr a arbitragem pela força moral ou por força... maior?

—Unica e exclusivamente pela força moral, — responderam-lhe; todo o nosso fim consiste precisamente em abolir a força brutal.

—E essa campanha em pró da arbitragem e da paz, — tornou depois o cauteloso vice-rei, é monopolio d'este ou d'aquelle partido, ou bem uma obra mental e commum a todos?

—Esta campanha, replicaram-lhe, teve e tem o raro privilegio de reunir homens de todos os partidos, de todas as religiões e nacionalidades. É uma ideia perfeitamente neutral, e de modo algum exclusiva de qualquer entidade ou agrupação politica.

Estas explicações satisfizeram Li-Hung-Chang, que affirmou aos delegados merecer-lhe as mais vivas sympathias a idéa que apostolavam e que podiam contar com todo o seu apoio para que ella tivesse pleno exito.

Estas declarações, feitas por tão reservado estadista, significam o assentimento da China ao principio da arbitragem internacional. Pare-nos, porém, que ainda decorrerão muitos annos antes que receba consagração pratica o principio arbitral.

Mas ha de impôr-se.

A respeito do conflicto entre a Italia e o Brasil informa o *Tempo* que partira a bordo do carregador *Piemonte* o sr. dr. Martins, enviado ao Rio de Janeiro em missão especial para obter satisfação do Brasil ás antigas e novas reclamações da Italia. Leva instrucções para pedir a execução do protocollo italo-brasileiro rejeitado pelo parlamento do Brasil, recorrendo, se o intender necessario, a um *ultimatum*. Os cinco navios da esquadra volante, que vai ser restabelecida no Atlantico do sul, receberam ordem para partir, caso seja necessario.

O governo manda dizer pelos seus orgãos que não ha difficuldades em obter o dinheiro para o pagamento dos navios de guerra. Tambem se vai insinuando já que a proposta *Forges et Chantiers*, para a construcção das canhoneiras, é equiparavel á da casa Armstrong.

Isto, depois das revelações feitas pela imprensa de Lisboa, percebe-se. E não tardará muito que o pais o sinta.

Tomou hontem posse da igreja de Santa Cruz o rev.^o Jose Mendes Saraiva, sendo esse acto muito concorrido.

As restaurações artisticas

EM
COIMBRA

XII

Sé Velha. Ao sr. Antonio Augusto Gonçalves e á sua direcção superior se deve o que ha na *Sé Velha* de bom; a elle se deve o haver em Portugal uma restauração feita com um grande respeito pela Arte, bem pensada, fructo d'uma grande erudição e d'uma orientação artistica superior.

A restauração da *Sé Velha* vinha muito tempo a estudar-se; muito tempo foi quasi o assumpto exclusivo do seu pensar d'artista.

O sr. A. Augusto Gonçalves não fez uma restauração á portuguesa, sem estudos prévios, e deixando-se guiar apenas pelas indicações de occasião.

Quem folhear hoje a *Gazeta de Coimbra*, a *Bohemia Nova* e ainda publicações mais antigas, depressa se convence que a restauração da *Sé Velha* era a sua preocupação de muitos annos. Quem conhece intimamente Antonio Augusto Gonçalves sabe perfeitamente, que era de ha muito o seu desejo — o emprender e levar a cabo a restauração da *Sé Velha*.

Quando começaram as obras, e á medida que ellas iam progredindo, A. Augusto Gonçalves andava com um receio novo — o de morrer sem ver terminada a restauração.

O plano de restauração estava bem delineado no seu espirito, quando começaram a fazer-se os primeiros trabalhos.

Quem não conheça bem Antonio A. Gonçalves, pôde ter-se enganado, imaginando que a restauração era apenas um trabalho d'occasião, feito dia a dia. Muita gente ha de mesmo julgar que lhe suggeriu opiniões, que elle não tinha, e que foi o seu voto que determinou por vezes a direcção da obra.

Quem isto imaginar, érra. Antonio A. Gonçalves conhecia as difficuldades da obra, sabia os attrictos que de toda a parte surgiam; por isso ouvia a todos com paciencia, e ia elle mesmo dizendo o que tencionava fazer, mostrando-se porém receioso de que a obra fosse mal vista pelo publico.

Isto era dito com antecipaçaõ, e o publico ia-se pouco a pouco afazendo á idéa de Antonio Augusto Gonçalves, terminando por fim por reclamar a obra que lhe tinham suggerido.

Antonio Augusto Gonçalves *cedia então*, a medo, e o publico imaginava que fora elle que determinára o artista.

Não queremos com isto dizer que na Sé Velha não haja trabalhos determinados por descobertas de occasião.

Seria faltar á verdade.

Na Sé Velha ha obras de restauração que ninguem previra; mas são obras insignificantes, de simples decoração.

O nivel do pavimento, a restauração do stylobato, que para muita gente passaram por verdadeiras surpresas, tinham sido previstas pelo estudo dos monumentos similares de Hespanha e dos outros países.

Antonio A. Gonçalves limitou a restauração a remover do templo tudo o que lhe modificava o caracter, prejudicando o effeito geral, a concertar o que fóra mutilado, repondo as columnas no estado primitivo, recuando porém, quando a obra a emprender ia destruir qualquer monumento de alto valor artistico.

Foi por isso que conservou o velho altar gothico, e as duas capellas do Santissimo, e de S. Pedro, apesar d'ellas terem modificado o aspecto da igreja, apesar do seu pavimento ter sido rebaixado no seculo XVI.

Nas capellas limitou-se apenas a indicar visivelmente, que o stylobato tinha sido cortado para dar mais elegancia ás duas construcções da renascença; mas não tocou nas capellas; porque tocar-lhe seria destruí-las; porque não havia meio de as remover para outra parte.

Da entrada da igreja fez retirar o côro, construcção desgraciosa feita em parte no seculo XV e em parte no seculo XVI, tendo apenas de notavel dois tectos *mudegares* que foram piedosamente recolhidos pelo sr. Bispo-Conde.

Não aconteceu a estes tectos o mesmo que ao bello tecto manoelino, exemplar tão curioso, e tão raro que o sr. director das obras publicas apeou no paço episcopal, e que não soube aproveitar na restauração manoelina que planeou.

Mas deixemos por ora o sr. director das obras publicas.

Além d'isto removeria, se houvesse dinheiro, as capellas das naves lateraes, construcções sem elegancia e sem valor artistico, retiraria o azulejo das paredes, como retirou o das columnas, empregando-os para forrar a sacristia, construcção que é como a dos azulejos do seculo XVI.

Ahi ficariam melhor, do que como os deixou o sr. director das obras publicas, á mercê do capricho do primeiro ladrão...

Mas deixemos o sr. director das obras publicas.

Por ora...

As demolições eram cuidadosamente vigiadas, e qualquer peque-

no fragmento, fuste ou capitel mutilado era minuciosamente estudado, procurando achar o sitio d'onde fóra arrancado. Por vezes encontraram-se objectos cujo logar foi impossivel achar, não podendo integrar-se na obra da restauração.

Tudo se arrecadou piedosamente, e se conserva hoje no Museu de antiguidades do Instituto, não obstante o sr. director das obras publicas...

E eu sempre a tropeçar no sr. director. Por ora não, fica para mais tarde...

Foi tambem do sr. Antonio Augusto Gonçalves a idéa de demolir o lanço do edificio da Imprensa que se encostava á Sé, e lhe tirava a luz; como foi d'elle tambem a de restaurar o Claustro do seculo XV, que o sr. director das obras publicas...

Por ora não...

Em tudo a restauração o sr. Antonio Augusto Gonçalves pretendeu apenas pôr a descoberto as linhas geraes do edificio, limitando-se simplesmente á consolidação do que ameaçava ruina, á restauração do que havia sido mutilado.

A fórma como esta restauração foi feita é um facto unico em Portugal, em que os monumentos nacionaes têm servido apenas para a exhibição grotesca das incapacidades officiaes.

Na restauração não se fez nada de novo que rapidamente se não conheça, não houve o proposito de tirar o valor documental ao edificio, a tenção de mystificar ninguem.

Os fustes, os capiteis, as molduras feitas de novo foram apenas esboçadas, reproduzem apenas as linhas geraes dos fustes, capiteis e molduras primitivas.

Foi esta innovação, muito para applaudir pelo muito respeito que revella pela Arte, e pela extranha sensibilidade que indica em quem teve a idéa e a levou a cabo, uma das coisas mais dificeis de fazer aceitar pelo publico.

O sr. director das obras publicas...

Hoje não! Fica para o proximo numero o sr. director das obras publicas...

T. C.

Tem estado em Coimbra o sr. dr. Sousa Viterbo, redactor do *Diario de Noticias*.

Os castigos que pelo sr. Ferreira d'Almeida foram applicados a dois officiaes da armada acabam de ser trancados. Assim o resolveu o conselho do almirantado e o sr. Jacintho Candido.

O sr. Ferreira d'Almeida está pensando no modo por que ha de vingar-se. Nova bofetada, d'esta vez no *Solar dos Barrigas*, e tê-lo-hemos ministro outra vez.

Mais insurreições?

Ha graves apprehensões na Hespanha relativamente a Porto Rico. O deputado por esta colonia, sr. Garcia Gomez, pediu ao ministro da marinha que mandasse mais barcos á pequena Antilha, na previsão de qualquer eventualidade.

O general Beranger respondeu-lhe que estão lá quatro barcos, sendo um d'elles o transatlantico armado, que é um grande vaso de guerra e de muita velocidade. Entende, portanto, que não urge mandar mais reforços de marinha.

Vêm no *Temps* os seguintes periodos:

«O governo hespanhol desconfia que se está preparando um movimento revolucionario em Porto Rico. Preventivamente ficarão allí algumas forças das que vão já caminho de Cuba.»

O projectado e já gorado centenario da India ainda está prendendo as atenções da commissão nomeada pelo governo para promover a sua realização.

E' afinal um bom meio de passar o tempo para quem não possa sair agora de Lisboa. Que aquillo por lá deve estar agora muito aborrecido!

Acaba de dar-se em Saragoça um facto interessante.

Em um comboio que d'esta cidade conduzia tropas com destino a Cuba metten-se, vestida de soldado, uma rapariga que desejava acompanhar o marido, fazendo parte das forças expedicionarias. O seu ar pouco marcial e a pouca idade que apresentava fizeram com que fosse notada pelos empregados do caminho de ferro que, ao passarem revista ao compartimento onde entrára, viram com surpresa desprenderem-se-lhe da cabeça duas lindas tranças em virtude de lhe haver cahido o gorro.

Reconhecendo-se que era uma mulher, foi-lhe ordenado immediatamente que saísse do comboio, dando esta ordem logar a uma scena commovente, pois a rapariga não queria de modo algum deixar o marido.

Afinal teve de ceder perante a força.

Noticias da Italia dizem que está causando vivas apprehensões nas provincias do centro e do sul e na Sicilia a prohibição da emigração para o Brazil. Calcula-se em dez mil homens os que se haviam feito inscrever para tomar passagem para o Brazil, tendo vendido todos os seus bens, e ha receio de que venham a causar graves embargos, porque não é possivel dar-lhes trabalho em condições regulares durante o inverno.

Em quinta feira ultima, depois de impressa a *Resistencia* manifestou-se incendio em Fóra de Portas, na barraca do fogueiteiro sr. João da Claudina. A barraca ardeu completamente e no incendio soffreram algumas queimaduras, em virtude da explosão da polvora, dois operarios. Recolheram ao hospital, não sendo de gravidade o seu estado.

O fogo foi determinado por uma experiencia feita com um fogueiteiro.

Carta de Lisboa

Lisboa, 4 de setembro de 1896.

Evidentemente o que mais preoccupa os nossos politicos é a situação da Hespanha. Não bastava a revolta de Cuba para os assustar. A revolta das Filipinas foi o *coup de grace*. Andam atrapalhados os monarchicos. Porque, elles sabem bem, ao fim d'estas revoltas, embora a Hespanha vença, está a revolução.

Sim! Porque a ruina financeira é inevitavel.

D'ahi os monarchicos terem como certa a revolução em Portugal.

A este respeito, porém, tenho a opinião de que Portugal não deve fundar as suas unicas esperanças, para se salvar, no facto de haver Republica em Hespanha. Pois então, se a Hespanha estivesse nadando em felicidades, nós haviamos de convencer-nos de que tambem estavamos felizes?

E pelo facto de Hespanha ser monarchia, mesmo que todo o exercito, a marinha e o povo fossem, para a revolução, em Portugal, haviamos de gritar — esperem pela Hespanha?

Claro que não.

Comtudo isto não impede que os acontecimentos de Hespanha influam poderosamente na nossa vida.

Por isso devemos prevenir-nos para todas as eventualidades.

Mas a primeira eventualidade contra que devemos prevenir-nos é a da ruina e da miseria que a monarchia nos prepara.

×

Sobre o que se passa em Hespanha ha muita gente que expõe a sua opinião. Todos concordam em lamentar tantas desgraças. Tambem eu lamento, mas não posso deixar de dizer que a Hespanha poderia ter evitado tudo se ha mais tempo se libertasse da monarchia.

Porque foi a monarchia com a sua violencia, a sua immoralidade e a sua exploração que provocou estas revoltas justissimas.

Mas a Hespanha teve a ingenuidade de se deixar cair na armadilha de Sagunto.

Ha de soltar-se d'ella, para sempre, quero crer.

Estas lições servem de bastante.

×

Mas, ia eu dizendo, lamenta-se a Hespanha.

O sr. Canovas é que eu nunca lamentarei. Este cavalheiro, aqui ha annos, dizia no seu jornal *La Epoca* que as tropas hespanholas deviam ter com que se entreter e virem num passeio triumphal até Lisboa.

Não vieram, mas tiveram o seu passeio a Cuba e ás Filipinas.

É longo o passeio e o triumpho não é muito certo.

Mas, por o passeio até Lisboa não ser longo, o triumpho tambem não seria facil. No fim de contas nós não precisaríamos de pedir au-

xilio aos cubanos, como elles o não pedem a nós.

O sr. Canovas, porém, nada tem com o povo hespanhol. E este se quizer ter em Portugal um grande aliado — mas sempre livre! — deve fazer o que nós tambem precisamos de fazer, — libertar-se da monarchia.

×

Pobre Hespanha dizemos nós.

E porque não havemos de dizer — Pobre Portugal? Pobre Patria abatida á mercê de meia duzia de insignificantes que invadiram tudo e dão ordens, fazem leis, exploram, dominam, mandam o povo como se este fosse uma leva de condemnados.

Deixemos a Hespanha, que lá têm elles certa a revolução.

Pensemos em Portugal.

Nunca se tornou necessario como agora pensarmos no futuro.

Nunca se impoz a todos os homens dignos de serem tidos na conta de homens de bem, como se impõe agora, o dever de se prepararem para todos, todos os sacrificios, para combater pela patria.

Não só para a livrar da monarchia, mas d'uma perda irremediavel.

Haverá quem falte a cumprir o seu dever?

J. M.

Partiu para a Figueira da Foz, onde tenciona passar o mês de setembro, o nosso prezado amigo sr. dr. J. Adelino Serrasqueiro, distincto e considerado professor do lyceu d'esta cidade.

Escolas em Santa Clara

Pela camara municipal, sob proposta do presidente, foi dirigida uma representação ao governo em que se pede a criação de duas escolas de ensino elementar no bairro de Santa Clara.

Já ha muito deveriam ter sido estabelecidas essas escolas, se não fosse entre nós tão criminosamente descurado tudo o que interessa á instrucção publica.

Estão em Lisboa cerca de 120 pessoas hespanholas que dizem haver sido engajadas para emigrar para o Brazil. As folhas da capital notam que todas ellas apresentam o miseravel aspecto de quem tem soffrido as torturas da fome.

Começa assim a manifestar-se a gravissima crise que mais que a guerra de Cuba e das Filipinas ha de atormentar a Hespanha.

Vem publicado no *Diario do Governo* de 4 do corrente o decreto determinando que não seja admittido nos lyceus alumno algum a matricular-se nas disciplinas do 1.º e do 2.º anno de qualquer dos cursos estabelecidos pelo artigo 2.º do decreto de 20 de outubro de 1888.

O distincto cavalleiro Fernando de Oliveira já toma parte na corrida que no dia 8 haverá na Figueira da Foz. Mais um motivo para que se previna a tempo com bilhete quem quizer obter um logar.

RESISTENCIA

N.º 163

COIMBRA — Quinta feira, 10 de setembro de 1896

2.º ANNO

La reine s'amuse

Dizem varias gazetas da capital que a sr.ª D. Maria Pia, a rainha mãe, resolvêra ir á Italia assistir ao casamento de seu sobrinho, o príncipe de Napoles.

Achamos justo, perfeitamente natural e humano, este amor de família, que determina a mãe do chefe do Estado a ir vêr os patrios lares. Nada tinhamos que oppôr á regia resolução, nenhuma objecção nos suscitaria este projectado passeio da rainha viuva, se esta senhora se encontrasse em condições financeiras tão desafogadas, que qualquer viagem empreendida ou a emprender não fosse motivo de sóbra para apavorar os contribuintes.

Mas, sabendo-se, como toda a gente sabe, que a decantada princeza não tem rendas proprias que lhe permittam satisfazer os seus multiplos e variados caprichos, tomámos a liberdade de extranhar que, numa situação financeira tão angustiosa como aquella em que o thesouro publico se encontra, faltando-nos dinheiro para as necessidades mais urgentes da administração, alguém possa pensar em desperdícios, parecendo-nos gracejo de má gosto este projectado e parece que decidido passeio á Italia da sr.ª D. Maria Pia.

A não ser que se queira pôr ás ultimas provas a paciência do contribuinte e a elasticidade da sua bolsa, não comprehendemos como é que nas altas regiões se pôde pensar em despêsas inúteis e ateadadas as nossas especiaes circunstancias — verdadeiramente injustificaveis.

Talvez que a rainha viuva queira mais uma vez mostrar quão adequado é o titulo de *anjo da caridade*, que em tempos mais felizes para a monarchia adquiriu. Não sabemos realmente quaes os actos de caridade praticados por essa princeza, á custa dos seus rendimentos, que justificasse tal epitheto.

Em luxos e desperdícios inúteis sabemos nós que tem gasto fabulosas sommas.

É um anjo de caridade que tem sempre pensado em si, e que só por causa de si pede para dar.

Já a viagem por occasião do casamento de seu irmão, o duque de Aosta, nos custou quantias fabulosas, chegando a dizer-se então, sem que ninguém o contradictasse, que

só o vestido com que a senhora D. Maria Pia assistira a esse casamento custára a somma fabulosa de 14 contos de réis — quer dizer, a fortuna d'umas poucas de famílias!

Bellissima caridade esta que por taes actos se affirma e define!

Nós bem sabemos que as gazetas palacianas nos hão de vir dizer que a rainha vae divertir-se á sua custa e que o thesouro nada tem a soffrer com isso. Sabemos isso de sóbra, mas com taes alicantinas nem já as creanças se illudem, e decerto tambem nos não pretenderão illudir a nós.

O país é que evidentemente não se illude e sabe muito bem o que deve pensar e fazer, em presença de factos como os que diariamente se produzem nas regiões do poder, onde parece lêr-se pela cartilha de Luis XV: — *Après nous le déluge*.

Declaram alguns jornaes monarchicos que lavra no norte do país a mais profunda aversão contra o governo e que os nomes do rei e da rainha não são pronunciados com o acatamento que lhes é devido.

Lamentando, acrescentam que o governo não liga a minima importancia a symptomas tão graves. Continúa a praticar os mesmos desvairados, incessantemente se repetem os esbanjamentos que levaram o thesouro publico á mais alarmante penuria.

Não se tomam providencias algumas tendentes a promover o desenvolvimento agrícola e industrial, não se pensa em fazer uma administração séria e economica.

O tempo que sobeja das mesquinhas questões de politica partidaria ou de palacianas intrigas, passam-no os ministros em divertimentos, não querendo saber se a monarchia corre ou não grave perigo.

Assim fallam as taes gazetas. É injustissima esta accusação que se faz ao governo, que acima de tudo tem sido zelosissimo defensor dos interesses da monarchia.

Sabendo que ella perdeu completamente o prestigio no país e que lhe é impossivel readquiri-lo, o governo defende-se pelos unicos processos que pôdem adiar a sua queda: corrompendo por um lado e aumentando por outro as forças das guardas municipaes.

Nisto tem pensado sempre o governo, não duvidando em sacrificar á monarchia o futuro do país. E os seus planos têm sido tão bem combinados e executados com tanta pericia, que por momentos se nos afigura que o país perderá a sua autonomia antes que passem á historia as instituições que tão miseravelmente o comprometteram.

A corrupção tem-se desenvolvido em meio adequado e as municipaes incutem medo. Uns comem e outros tremem.

O rei diverte-se,

NA HESPANHA

Vae-se agravando a situação interna d'este país, correndo a monarchia sérios perigos.

Os conservadores e os liberaes, reconhecendo-o, fizeram um vergonhosissimo accôrdo no parlamento em virtude do qual se entregaram sem discussão ao estrangeiro as rédes dos caminhos de ferro e foram approvadas as eleições por Madrid. Esse accôrdo causou em Hespanha profunda impressão, sendo violentamente atacado pela imprensa independente o chefe do partido liberal, que tem abandonado o parlamento nas circunstancias difficilissimas que o país está atravessando. E é logico que sofram as consequências da ruina da Hespanha os dois partidos monarchicos que a promoveram. As responsabilidades que pesam sobre conservadores e liberaes são as mesmas, porque ambos seguiram os mesmos processos de governo.

O *Liberal*, affirmando que a insurreição de Cuba e das Filipinas é egualmente devida á falta de previsão dos conservadores e dos liberaes, conclue:

« Grande é a culpa: não tardará nem será pequeno o castigo. »

Os factos que se estão dando autorizam esta previsão.

Os carlistas abandonaram o parlamento, dirigindo um manifesto ao país em que declaram que, havendo-se o parlamento convertido numa agencia de negocios, não tinham lá que fazer. Esta attitudé mostra que estão resolvidos a entrar no caminho da revolução.

Não é possivel que conquistem por esse ou outro processo o poder, enfraquecido como está o seu partido; mas graves difficuldades podem levantar ao governo, vindo complicar-se a insurreição de Cuba e das Filipinas com os horrores d'uma guerra civil na metropole.

Os republicanos estão unidos e sem duvida aguardam o momento opportuno para entrarem em acção. Não querem crear attritos ao governo, nem tomar sobre elles a responsabilidade d'uma situação de cojas consequências proximas impossivel lhes é libertar o país.

A Hespanha, dado que não perca Cuba, ficará numa situação financeira verdadeiramente desesperada, e será impossivel á monarchia lutar contra ella. O partido republicano não poderá então deixar de intervir, porque a Hespanha se insurgirá contra a monarchia que tão miseravelmente a comprometteu.

Uma mudança de instituições na Hespanha impõe-se fatalmente.

O governo guarda a maior reserva sobre o que se passa nas Filipinas. Poucos são os telegrammas que recebe de Blanco de que dá conhecimento á imprensa, e até nesses faz mutilações.

Pelo ultimo telegramma communicado á imprensa, a insurreição

está limitada a Cavite. Neste ponto, porém, reveste um character grave, tanto que o governo se prepara para mandar para o archipelago uma expedição de 4:000 homens.

Havendo-se insinuado que os subditos allemães residentes nas Filipinas tinham promovido a insurreição, alguns jornaes allemães protestam contra esse facto que qualifcam de ridiculo, e attribuem-no a uma tentativa dos jesuitas em Madrid, para excitarem a opinião publica contra a Alemanha.

De Cuba pôde dizer-se que não ha noticias. Continúa o mesmo estado: a Hespanha enviando incessantemente novos reforços e os insurrectos recebendo novas expedições.

Diz-se que Maceo conseguiu passar a *Trocha*. Se assim é, Weyler, que resolvera concentrar naquella ponto 20:000 homens, não deve estar satisfeito. Maximo Gomez e Maceo, na arte da guerra, continuam a mostrar-se superiores ao general hespanhol.

Chegou na terça feira a Lisboa o sr. dr. Assis Brazil, illustre representante dos Estados-Unidos do Brazil em Lisboa.

TROCO

Irónico e altaneiro, no bico dos pés pela notoriedade que julga ter conquistado, o sr. José Moreira Freire pretende enviar-me cinco réis porque deplorei o estrago do quadro da Misericórdia do Porto!

O espirito insolente da chocarrice revela bem que do tirocinio do balcão alguma coisa lhe ficou dos vicios de marçano!

Ninguem fallou para o cavalheiro!... Na altura em que se acha collocada a questão, poucos terão vontade de lhe invadir o terreno!

Quanto a outras barbaridades, julgo perceber de mais, quanto s. ex.ª percebeu de menos.

Hei de fallar, porque é conveniente que falle, não para gaudio dos garrulos jactanciosos, mas para elucidação dos que tiverem direito a formar juizo e ter voto. E, se é certo o que julgo, a opinião de s. ex.ª é-me absolutamente indifferente, porque sobre o caso não tem validade, nem cotação.

E fiquemos nisto.

Tuberculose da vinha

Esta doença da vinha foi recentemente estudada pelo sr. Latasto, em cepas provenientes de Quilicura, perto de Santiago do Chili. Consiste nuns tumores recheados d'uma especie de cochenilha (*Dactylopius*).

Das experiencias do sr. Latasto, conclue-se que a doença é extremamente contagiosa, e que para o seu tratamento não basta arrancar os tumores das cepas doentes, sendo necessario cauterizar estas e desinfectar os utensilios antes de os empregar nas cepas sãs. O melhor de tudo é, queimar as cepas atacadas.

As restaurações artisticas

EM
COIMBRA
XIII

Sé Velha. A obra de restauração empreendida por A. Augusto Gonçalves foi constantemente prejudicada pelo sr. director das obras publicas, que, desconhecendo absolutamente assumptos artisticos, tinha as mais phantasticas opiniões sobre o que devia fazer-se.

Não foram pequenos os esforços empregados por o sr. director das obras publicas para mandar lavar os capitais que tiveram de fazer-se de novo e que segundo o plano de A. Augusto Gonçalves foram apenas esboçados.

Demoremo-nos aqui um bocadinho; porque a opinião foi partilhada tambem pelo sr. Valladas, primeiro, e, mais tarde, pelo sr. Luciano Cordeiro.

Os antigos edificios, aquelles que foram levantados por um grande sopro d'arte, são documentos de duas ordens: provam a piedade de quem os levantou, — são o reflexo do movimento artistico num dado momento historico.

Considerados como documento das crenças dos que passaram já na vida, esses documentos devem ser rodeados de cuidados, vistos com respeito.

Não pôde por isso tocar-se-lhes com o pretexto d'uma restauração artistica; porque seria inutilizar os documentos da piedade de muitas gerações.

Olhados como documento historico, eu entendo que não se lhes deve tocar tambem. O livro e o modelo em gesso, ou noutra materia qualquer, são o bastante. Dentro d'um templo romanico insignificante pôde haver obras primas da arte gothica ou do renascimento, que são, como o edificio primitivo, documentos com valor para determinar a evolução da arte, para lhe escrever a historia.

Não posso deixar de respeitar porém a opinião d'aquelles que pretendem dar aos edificios antigos a sua fórma primitiva, procurando por obras modernas consolidá-los, tentando reconstituir a linha geral, mas sem pretender nunca fazer uma mystificação.

Fazer hoje obra antiga é difficil. Só um erudito com uma grande sensibilidade artistica será capaz de dar a linha geral d'uma obra anti-

RESISTENCIA

N.º 164

COIMBRA — Domingo, 13 de setembro de 1896

2.º ANNO

Adiando sempre

O actual governo, cuja permanencia no poder é uma verdadeira vergonha para o país, só pensa em adiar as graves questões da administração pública, que a cada passo vai levantando a sua impericia e falta de força, por meio de expedientes que cada vez compromettem mais o país.

Dura ha longos meses o conflicto entre o coronel Machado e o major Mousinho de Albuquerque, e o governo ainda o não resolveu, sendo certo que d'elle estão derivando graves consequências para a administração da provincia de Moçambique. Diz-se num dia que foi chamado a Lisboa o coronel Machado e que o governo o vai demittir, afirma-se no seguinte que é o major Mousinho quem vai ser demittido, pensa-se depois em que serão demittidos ambos; o governo occupa-se do assumpto em repetidos conselhos e, afinal, persiste o conflicto e as vacillações do governo acerca do modo como resolvê-lo. Não sabe este que solução adoptar, ou, se sabe, receia comprometter-se. Vai vivendo assim.

Ha muito tempo que se discute o projecto de fusão da Companhia de Moçambique com a da Zambézia, tem havido sobre elle longas conferencias, o governo manifesta-se a favor da fusão, pronuncia-se contra ella a junta consultiva do Ultramar, e não se toma uma resolução definitiva. Sabe-se que da aprovação do projecto derivarão gravissimos prejuizos para o país, não se sente o governo com força para pôr de lado o parecer da junta consultiva do Ultramar, mas receia tambem que contra elle se desencadeiem as influencias que fizeram germinar o projecto e que agora o amparam. Para não levantar difficuldades, que pôdem determinar a sua queda, vai adiando o assumpto.

O projecto do caminho de ferro de Quelimane ao Ruo, por que tanto se interessa o ministro da marinha e a que se oppõe o ministro do reino, tem dado lugar a engraçadas scenas. A rejeição d'esse projecto determinará a saída do ministerio do sr. Jacintho Candido, a sua aprovação poderá crear difficuldades d'ordem financeira. E o governo mantem-se numa prudente indecisão.

Ainda se não sabe quando será

realizado o centenário da India. O governo nomeia uma commissão, esta enceta os seus trabalhos para o realizar na epocha fixada pelo poder legislativo, a pouco trecho vê-se sem dinheiro, pede o auxilio do governo e este recusa-se a dar-l'ho. Pensa-se no adiamento, por falta de dinheiro, e, enquanto se continúa a dar publicidade no estrangeiro a um espalhafatoso programma das festas, o governo recebe officios da commissão, a commissão recebe officios do governo, e nem a commissão nem o governo tomam uma resolução definitiva sobre o assumpto.

Vê-se o governo assoberbado com esmagadoras difficuldades d'ordem financeira. Não lhe é possível amortizar a divida fluctuante por meio d'um emprestimo e, como a divida fluctuante externa, representada em *bonds* do thesouro e contas correntes, ia engrossando muito e, por outro lado, a compra de cambias no país para o pagamento dos coupons no estrangeiro influiria desastrosamente no mercado dos cambios; soccorre-se do expediente de obter papel em Lisboa, que, tendo o acceito d'um banco ou banqueiro de primeira ordem, facilmente é descontado em Londres. E' verdade que esse papel ha-de ser pago, decorrido que seja o praso de três mezes, pelo estabelecimento nacional que effectuar a operação, e que este, tendo de comprar o papel no país, irá influir no cambio, que poderá soffrer um violento abalo.

Mas o governo, que agora adiou uma difficuldade, vai já estudando novo expediente que porá em prática d'aqui a três meses.

Certo é, porém, que estes adiamentos hão de ter um limite. Dia virá em que se faça a liquidação, e então sentirá o país, que agora parece assistir indiferente aos ruinosos expedientes de que o governo se está servindo, quanto este o compromettera. Este, os que o precederam, e os que se lhe seguirem. Que se não pôde imputar a responsabilidade do que se está dando a este ou áquelle governo designadamente; todos elles adoptaram e adoptarão os mesmos processos, porque todos elles o que pretendem é defender a monarchia e esta só pôde viver á custa d'expedientes.

Tendo-se ausentado para a Figueira da Foz o sr. dr. José Miranda, administrador d'este concelho, está desempenhando essas funções o sr. dr. Luiz Pereira da Costa, presidente da camara municipal.

As restaurações artisticas

EM
COIMBRA
XIV

Se Velha. O sr. Director das Obras publicas...

Hoje começa isto mal. Não admira estamos a 13, dia aziago... Como acabará isto?

A restauração do tumulo do Bispo, como a intenção de refazer os capiteis, ou de completar os capiteis mutilados, podia apenas ter uma explicação—a vontade de resuscitar *completamente* a apparencia do velho monumento, podia ser dictada por um respeito pela obra dos outros, por um amor muito grande pela arte antiga.

Por respeito pela Arte conservou o sr. A. Augusto Gonçalves a capella renascença de S. Pedro e a do S. Sacramento.

Diz-me pessoa que me merece todo o credito, que o sr. Luciano Cordeiro apresentou um alvitre muito bem imaginado de reconstituir o aspecto antigo dos absidiolos, conservando a capella de S. Pedro sem lhe tocar.

O leitor espanta-se? Mais se vai espantar com o alvitre.

— Reconstitue-se o stylobato, fazendo-o passar por deante da capella...

— Mas então fica a capella num poço?

— Não!

— Mas então fica entrincheirada atraz do stylobato?

— Não! Refaz-se depois o pavimento dos absidiolos pela altura do stylobato...

— Mas então, vai o pavimento truncar o pé do altar.

— Vae; mas desfaz-se o pé do altar e o retabulo que representa S. Pedro fica suspenso como um quadro!

— Oh!!!...

Esta ideia do sr. Luciano Cordeiro, que se não é d'elle bem podia sê-lo, faz-me lembrar a do sr. Director das obras publicas que transformou uma porta gothica numa fonte!

Mas nem o respeito pela arte pode ser invocado pelo sr. Director das obras publicas que andou mutilando o revestimento d'azulejo das paredes da Sé Velha, com o pretexto de enriquecer o museu da Direcção das obras publicas, museu condemnado por todos os que não comprehendem o interesse que possa haver em ter um museu d'antiquidades numa direcção d'obras publicas.

Tal instituição é uma inutilidade, é um desperdicio de dinheiros publicos.

Havia apenas uma razão para admittir um museu d'antiquidades

em Direcção d'obras publicas: seria a necessidade que todos reconhecem de inspirar o respeito pelas antigas obras d'arte aos senhores directores que por esse país fóra não têm feito senão dar cabo d'ellas.

Mas como apresentar a sério tal argumento, se o sr. Director das obras publicas de Coimbra, o iniciador do museu, tem cada vez menos respeito pelas obras d'arte que deixa mutilar barbaramente?...

Um museu d'antiquidades junto d'uma Direcção d'Obras publicas é inutil e é até perigoso.

Quando os colleccionadores têm apenas a *mania* de colleccionar, quando as collecções não são inspiradas por um grande amor, por um grande respeito pelas obras d'arte, o colleccionador é perigoso, porque não recua deante de nada para augmentar a sua collecção, porque é capaz de mutilar e destruir, simplesmente para satisfazer a sua mania.

Ha exemplos historicos. Em Roma tiveram de levantar-se cruces no Colyseu para apagar a furia dos christãos colleccionadores que o iam destruindo pedra a pedra.

Na Sé Velha não faltavam as cruces mas nem assim recuou o sr. director das obras publicas.

É verdade? Porque não fugirá das cruces o sr. director das obras publicas?...

A collecção da Direcção...

Não fica bem assim! O museu da Direcção das obras publicas de Coimbra é um capricho sem motivo, sem utilidade, e pôde constituir pelo mau exemplo um verdadeiro perigo.

De resto revela, como os outros actos do sr. director, uma falta absoluta de respeito pelas obras d'arte, e a vontade de mutilar, que é uma das características mais notáveis do temperamento de s. ex.ª, cuja obra já alguém alcunhou de *fazer entulho*.

E ha-o aos montes em todas as obras que s. ex.ª dirige, e para o entulho foram columnas e capiteis que no claustro da Sé-Velha foram encontrados e que tão necessarios eram para a restauração do claustro. Para o entulho foi tambem parte da moldura que corria ao longo do claustro, e que s. ex.ª deixou mutilada.

Para o entulho foi tambem uma moldura gothica, resto de decoração maior que o sr. director qualificou de *obra pombalina!*

Ao chegar a este periodo, o sr. director das obras publicas sorri e diz baixinho para quem o ouvir: *o homem falta á verdade; vá á Sé-Velha, e lá verá estendidas sobre o chão as pedras que foram conservadas, e que lá lhe deixo, até os archeologos decidirem, se sim ou não deve ser restaurado o Claustro. Elle ha tantas opiniões...*

Torna a rir-se e accrescenta: *não que eu tenho medo d'archeologos que me pello!...*

Desculpe V. Ex.ª o incommodo de ter dito isto e de ter lido depois o que disse.

Pois não, Ex.ª Senhor, as pedras que se encontraram foram na sua maior parte para o entulho. É verdade que lá ficaram algumas; mas tarde e contra vontade. E a prova é que eu sei quem tem capiteis e fustes em seu poder que sahiram da Sé Velha, e iam para o entulho.

Aqui pôde o sr. director dizer que foram roubá-las á Sé Velha; mas, se o disser... falta á verdade...

O sr. Director das Obras publicas inutilizou assim uma das obras architectonicas mais raras no nosso país, um claustro do seculo XIII tão bello nas suas ogivas lanceoladas, tão caracteristico no enfeichamento das suas columnas, tão...

Mas para que estou eu a cançar-me?!

O sr. director faz-me lembrar uma historia que eu sei, e que vou contar-lhe.

Era uma vez um Bispo...

Mas deixemos a historia para o outro numero, que *graças* leva este de mais...

T. C.

O *Tempo*, elogiando a vida constitucional da Inglaterra e da Hollanda e para provar que o systema monarchico é tão bom como o republicano, nota que:

«Nem na Inglaterra nem na Hollanda se faz sentir a acção da corôa». D'onde se conclue que a monarchia é tanto melhor quanto mais inutil for.

O escandalo das bombas

A Camara acaba de resolver, por voto unanime dos vereadores, elevar a 240\$000 réis o ordenado do inspector de incendios, que era de 120\$000.

Quando o logar foi creado e posto a concurso, nada menos de oito pretendentes o disputavam, porque se julgava que a quantia estabelecida era sufficiente remuneração.

Nas condições de extrema penuria em que se encontram as finanças municipais, esta deliberação de escandaloso patronato levanta censuras merecidas e asperas de toda a cidade.

Pelo que se vê a camara sente-se disposta a seguir os processos arbitraríos e immoraes da vereação transacta.

Porque nestes casos não se trata d'um simples erro de administração, mas de cousa mais grave, porque representa a exorbitancia e o abuso dos dinheiros do municipio em beneficio dos amigos!

Isto é inaudito de coragem!...

RESISTENCIA

N.º 165

COIMBRA — Quinta feira, 17 de setembro de 1896

2.º ANNO

A revolução pacifica do sr. Dias Ferreira

O antigo ministro e presidente do conselho, José Dias Ferreira, continúa no seu jornal reclamando uma revolução que, *sem ruido e sem desordem*, coaja os altos poderes do Estado, restabeleça a lei, mude o aspecto da nossa situação politica e financeira, faça justiça, «correndo com os trapalhões e malandrões que por ahí estão agachados á sombra do actual estado de coisas», que, finalmente, imponha «sem demora a vontade do povo.»

Como lhe parecesse absurdo levar a cabo semelhante empresa, «sem ruido e sem desordem», um jornal de Lisboa lembrou-se de perguntar a este revolucionario da ultima hora porque processo entendia elle fazer a sua revolução.

E eis como elle respondeu:

«Não ha nada mais simples do que a resposta á pergunta.

A lição dos factos e a comprehensão dos principios não deixam a mais ligeira duvida de que uma simples manifestação pacifica põha immediatamente a administração publica nos seus eixos.

As manifestações simplesmente das duas grandes cidades, capital e Porto, determinariam immediatamente a mudança de processos governativos.»

E mais adiante:

«No dia em que o povo quizer de vez o termo da folia e impozer um governo que esteja consubstanciado com os interesses publicos e com as aspirações nacionaes, não é preciso correr com esses figurões e com esses machuchos. («Os trapalhões e os malandrões que por ahí estão agachados á sombra do actual estado de coisas».) Elles não se conservam nos covis. Fogem.

As proteções que tinham, perdem-nas.

O protectores, por mais altamente collocados que estejam, nunca mais os vêem!

E por fim:

«Nestas condições, não seria uma revolução, mas a imposição pacifica da vontade do país, que podia fazer mudar de face a nossa situação politica e financeira.»

Isto parece um despauterio de sonho. O disparate toma assim, ás vezes, aspectos monstruosos de avantesmas de pesadello. Comtudo lê-se, sem sombra de illusão, no jornal o *Tempo* de hontem, domingo — redacção e administração rua do Alecrim, 33.

Aqui temos, pois, um homem que, no apparente goso de todas as suas faculdades, é muito a sério, pretende convencer-nos — 1.º De que em Portugal é possível effectuar pacificamente uma manifestação de caracter revolucionario, tendendo a fa-

zer prevalecer a vontade do povo sobre a vontade do rei; — 2.º De que uma manifestação d'esta natureza teria sufficiente alcance social e politico para pôr «imediatamente nos seus eixos a administração publica», «mudar de face a nossa situação politica e financeira», «determinar uma «mudança de processos governativos» e, — o que é mais phantastico! — restabelecer a prohibição no poder e nos costumes, fazendo debandar dos seus covis, a despeito de todos os compromissos e de toda a solidariadade, «os figurões e os machuchos» e é elle quem falla) que infestam a sociedade e a politica portuguezas.

Vejamos.

Cumpra discutir isto?

O homem está fallando a sério. ou está a divertir-se conosco?

Imaginemos por um momento que está fallando a sério. Imaginemos que não é um refalsado hypocrita, um d'estes burlões, que de todos os tempos, procurando viver bem com Deus e com os homens, procuravam igualmente fallar a lingua dos homens e a linguagem de Deus, suppondo melhor servir os seus interesses e as suas ambições. Imaginemos, por hypothese, que este Dias Ferreira das instituições fugiu á corrente moral do seu tempo e do seu meio e quer sinceramente reformar.

Em primeiro logar: o que significa essa especie de exortação ás duas grandes cidades — Lisboa e Porto, a que se manifestem *pacificamente*?

Por que fórma entende o sr. Dias Ferreira que ellas se devam manifestar pacificamente?

Pela representação? — Evidentemente, não. Mesmo como burla, parecer-nos-hia demasiado que o sr. Dias Ferreira aconselhasse ainda semelhante processo de pôr nos eixos a administração publica, mudar o aspecto das finanças, moralizar, restaurar, e, sobretudo, fazer prevalecer a vontade do povo.

Como, então?

Pelo comicio? — Mas o sr. Dias Ferreira não ignora que a liberdade de reunião em Portugal é coisa nulla e que os unicos cidadãos que ainda gosam d'esse direito são os progressistas — esses mesmos com restricções, visto que a enunciação do pensamento em comicios está sujeita ao arbitrio da censura. Admittamos, porém, o comicio. O comicio é, no fim de contas, a representação, a moção, a rhetorica sem effeito, o

palavriado sem alcance, porque só dentro dos limites d'esse palavriado e d'essa rhetorica é que elle seria tolerado. Comicio que queira alguma cousa mais, ou é dissolvido e annullado, ou, summariamente, espantado. O effeito do actual regimen de liberdade em Portugal é este: só serve a quem não precisa d'ella.

Finalmente:

Pela praça publica? — E' essa a fórma porque o sr. Dias Ferreira entende que se devem manifestar *pacificamente* os cidadãos de Lisboa e Porto?

Vamos — responda!

Não tenha vergonha de confessar que disse um disparate, ou que foi colhido em flagrante delicto de má fé.

Pela praça publica!

A sério!

O sr. Dias Ferreira, está convencido, *a serio*, de que o Portugal de hoje póde descer á praça publica, a praticar um acto de natureza revolucionaria, — como seja impôr a vontade do povo, coagir os poderes publicos, reformar a administração, mudar o aspecto das finanças, espantar a corrupção, restabelecer a moralidade, restaurar, redimir, isto é, crear um estado novo, fundar uma nova sociedade, e levar tudo isto a cabo *pacificamente*, «sem ruido e sem desordem», sem resistencia e sem lucta?

O sr. Dias Ferreira está convencido d'isto?

Vamos, responda!

Mas não. Elle não responde.

E não responde porque com effeito o apanhamos em flagrante delicto, porque lhe descobrimos o pensamento, agachado como um gato receioso, na agua-furtada em que elle premedita as suas tramoias politico-intellectuaes.

O que o sr. Dias Ferreira quer, deseja e inutilmente provoca, porque não tem auctoridade e não tem prestigio, não é uma revolução que salve Portugal, mas um cambalacho que o salve a elle. Por isso elle a quer pacifica, porque é na paz em que se forjam as revoluções pacificas que medram os homens como elle habeis cortezãos do rei, habeis cortezãos do povo, fazendo entre um e outro o jogo clandestino dos seus interesses.

Poder-se-hia levar muito longe a discussão do seu principio das revoluções pacificas, explicando a elle, ou a quem o lê, que um só, para não fallar nos outros, dos problemas que elle promete resolver; o pro-

blema da moralidade, ficaria de pé, pois que, para moralizar em Portugal, seria necessario banir e punir, não um homem, não dois homens, mas todo o systema constitucional, e isso não queria elle, porque lhe tocava pela porta.

Mas para que levar mais longe semelhante discussão?

O sr. Dias Ferreira quer uma revolução.

Descance. Ha de tê-la.

Essa Revolução hade fazer-se, hade, mas em contrario dos seus desejos, ha de fazer-se com ruido — o ruido d'um povo que acorda e que é tão retumbante como o ruido do trovão.

João Chagas.

Créditos especiaes

Para confirmar as declarações feitas pelo sr. Hintze Ribeiro ácerca do equilibrio orçamental, a cada passo apparecem no *Diario do Governo* decretos em que se abrem créditos especiaes.

Nada menos de três foram agora abertos: um de 362:192\$134 réis a favor do ministério da guerra para o excesso da despesa que houve no anno economico de 1895-1896; outro de 11:400\$000 réis para pagamento de movimento de tropas reclamado por outros ministerios, e, finalmente, um de 34:321\$000 réis a favor do ministério da fazenda para pagamento de despêsas liquidadas e não pagas no exercicio de 1891-1892 e 1893-1894.

E continuar-se-ha. Embora tardiamente, o governo vê-se obrigado a ir pagando o que deve, e os calotes são muitos.

O conde de Reilhac

Tem estado em Lisboa, commodamente installado no Internacional e com policia ás ordens para prevenir qualquer eventualidade, este insigne calumniador que em 1889 tanto abocanhou os portuguezes, chamando-lhes *escrocs*, *ladrões* e outros epithetos de equal jaez. A imprensa independente protesta e mostra-se indignada porque o sr. João Franco, que, num momento de furia, mandou expulsar do país um homem eminente como Salmeron, a cujo talento e honradez de caracter os proprios monarchicos prestaram a devida homenagem, consente agora que o vil diffamador do nome portuguez affronte a população de Lisboa passeando descaradamente pela Avenida. Razão ha e de sóbra para que os homens independentes se indignem e protestem, mas forçoso é confessar que não póde exigir-se d'um ministro, que conta no numero dos seus amigos e entre os seus mais encarniçados defensores quem lhe chamou ignobil e bandido, que expulse do país um estrangeiro que tão vilmente nos insultou.

As restaurações artisticas

EM

COIMBRA

XV

Sé Velha.—Antes de abandonar a *Sé Velha*, não podemos deixar de historiar a intriga que obrigou o sr. Antonio Augusto Gonçalves a pedir a sua demissão de membro da commissão que dirigia a restauração.

Desculpem vv. ex.ª a má redacção...

Outra palavra em ão; decididamente a prosa é má como a acção.

D'esta vez não emendo...

Fiscalizando o trabalho dos operarios, havia na *Sé Velha* um empregado da confiança do sr. director das obras publicas.

Este empregado é activo, honesto, muito trabalhador e com vontade d'acertar. A restauração começou a interessá-lo, e pouco a pouco, foi lembrando alvitres que o sr. director das obras publicas applaudia sempre, e que nem sempre tinham a aprovação de A. Augusto Gonçalves.

Por vezes Antonio Augusto Gonçalves lembrava a necessidade de fazer uma obra, ou a vantagem de ordenar por outra fórma o trabalho, e as coisas nem sempre se faziam como desejava o sr. Gonçalves.

Quando elle se queixava, o sr. director sorria e dizia a tal conhecida phrase: *foi elle que mandou e agora está a achar mão*.

Sucedendo-se assim um certo numero de factos, e vendo o sr. A. A. Gonçalves que perante o publico era elle o responsavel de coisas que nunca approvára, quiz abandonar a direcção das obras; mas era tanto o seu empenho por as vér realizadas, que se prestou a uma conciliação, proposta pelo sr. Bispo-Conde, que marcou um dia em cada semana para decidir das obras a fazer.

Um dia, surgiu uma difficuldade imprevista, e A. Augusto Gonçalves pediu tempo para estudar o problema, aconselhando que se adiantassem as obras em outros pontos e se abandonasse aquelle; até elle ter uma opinião sobre o que deveria fazer-se.

Nada mais justo!

Pois o empregado do sr. director das obras publicas resolveu o problema, como entendeu, e mandou executar as obras, como as planeára a sua phantasia.

O sr. Gonçalves saiu da Com-

